

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

ESTÊVÃO LUÍS DA SILVA TRINDADE

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FORMA DE INCENTIVO À
LEITURA E AO APRENDIZADO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

PORTO ALEGRE

2021

ESTÊVÃO LUÍS DA SILVA TRINDADE

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FORMA DE INCENTIVO À
LEITURA E AO APRENDIZADO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Eliane Lourdes da Silva Moro

PORTO ALEGRE

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patrícia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Prof.^a Dr.^a Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof.^a Dr.^a Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefe Substituto: Prof. Dr.^a Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Dias

Coordenadora Substituta: Prof.^a Dr.^a Helen Rose Flores de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Trindade, Estêvão Luís da Silva

O Uso de Histórias em Quadrinhos como Forma de Incentivo à Leitura e ao Aprendizado de Crianças e Adolescentes / Estêvão Luís da Silva Trindade. -- 2021.

66 f.

Orientadora: Eliane Lourdes da Silva Moro.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Histórias em Quadrinhos. 2. Leitura. 3. Educação. 4. Biblioteconomia. I. Moro, Eliane Lourdes da Silva, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana

Porto Alegre/RS – CEP 90035-007

Telefone: 51 3308 5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Estêvão Luís da Silva Trindade

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FORMA DE INCENTIVO À
LEITURA E AO APRENDIZADO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Eliane Lourdes da Silva Moro

Aprovado em 18 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliane Lourdes da Silva Moro – UFRGS/FABICO/DCI
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Jeniffer Alves Cuty – UFRGS/FABICO/DCI
Examinadora

Prof^a. Dr^a. Lizandra Brasil Estabel – IFRS/POA
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho foi preciso um esforço muito além do que se precisa normalmente, devido a uma perda irreparável que este ano. Foi difícil de seguir em frente, eu poderia simplesmente ter desistido, e quase fiz isso, por pouco não abandonei o semestre e desisti do curso. No momento mais difícil da minha vida procurei pensar, refletir e decidir se continuaria. Para respeitar minha luta ingressar na universidade e chegar até o fim da graduação, e, principalmente, para honrar meu pai, que sempre me apoiou nos estudos, decidi continuar, mesmo sabendo que seria extremamente difícil, mas valeu a pena ter continuado.

A longa jornada pelo curso de biblioteconomia foi percorrida desde o início com incentivo da minha extraordinária e digníssima mãe e do meu espetacular e batalhador pai, que partiu antes que eu pudesse concluir minha jornada na graduação. Não tenho palavras para expressar minha gratidão pelos meus pais por ter conseguido chegar à universidade e concluir o curso, pois foram muitas batalhas que travei para chegar até aqui, desde a preparação para o vestibular. Por isso, dedico este trabalho aos meus pais, ao meu irmão e à minha irmã por estarem sempre torcendo por mim, e acima de tudo agradeço à Deus por ter me dado forças para lutar, para continuar e para vencer.

Durante o curso tive a oportunidade de conhecer colegas muito bacanas com quem aprendi muitas coisas, troquei conhecimentos e dividi bons momentos. Essas pessoas geniais também contribuíram de alguma forma para que eu chegasse até o fim do curso, cada uma com a sua maneira de ser. Deixarei aqui o nome dessas pessoas incríveis que conheci ao longo do caminho pelo qual percorri.

Agradeço profundamente a oportunidade de ter conhecido essas pessoas marcantes que deixaram um pouco delas em mim: Amanda Gularte, Andreza Lemke, Angelo Reginatto, Bruno Santos (colega do curso de engenharia), Carla Nunes, Claudina Romero Tosi, Deuzenise da Silva, Ediane Gheno, Fabiane Simões, Fabiola Fagundes, José (Zé) Castro, Lara Hladovetz, Larissa Cruz, Leandro Ferreira, Luciane Conceição, Luna Lopes, Magali Rosa, Miguel Cury, Paula Martini, Rafael Guimarães Batista, Rafael Vicente, Robson de Paula (outro colega do curso de engenharia), Rose Rodrigues, Vinícius Cerva e Vólia Silveira.

Agradeço à bibliotecária da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Cris Alice Gomes, que proporcionou um ótimo ambiente de trabalho no estágio curricular e com quem aprendi muitas das funções do bibliotecário, com foco na catalogação, com explicações minuciosas que contribuíram para minha formação acadêmica e que contribuirão para a profissional. Além disso, ela também se tornou uma grande amiga.

Agradeço à servidora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Iara Souza Pereira, minha chefe no estágio curricular realizado no arquivo do Departamento de Contabilidade e Finanças da UFRGS. Desde os meus primeiros dias como estagiário ela sempre deu muito valor ao meu trabalho e me proporcionou um ambiente de trabalho bastante agradável.

Meus agradecimentos finais vão para as professoras ilustres que integraram a banca examinadora deste trabalho.

Agradeço à professora Jeniffer Alves Cuty e à professora Lizandra Brasil Estabel por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora e pelos seus pareceres e sugestões acerca deste trabalho, com apontamentos pertinentes muito bem destacados.

Agradeço à minha orientadora, a professora Eliane Lourdes da Silva Moro, que me apoiou e incentivou desde o primeiro semestre do curso, sendo de grande importância na etapa final para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Com grande sensibilidade em um momento difícil para mim, e com enorme compreensão, ela conduziu a orientação deste trabalho de forma excelente. Sua orientação foi fundamental para este trabalho ganhar forma.

Quero deixar um agradecimento especial à professora Martha Kling Bonotto, que tive o prazer de conhecer e que passei a admirar desde a primeira aula que tive, na segunda etapa do curso, na disciplina de Fontes Gerais de Informação. A forma como ela ministrava as aulas era formidável, me deixava entusiasmado com aquele início de curso. Na terceira etapa, a disciplina de Linguagem Documentária foi fantástica com os ensinamentos desta grande professora, essa foi sem dúvidas uma das disciplinas que mais gostei e que mais me dediquei, e isso tudo isso por causa da grande professora Martha Kling Bonotto. Muito obrigado.

RESUMO

Aborda o tema sobre a utilização das histórias em quadrinhos como ferramentas incentivadoras para a leitura e o aprendizado de crianças e adolescentes. Discute sobre a importância do desenvolvimento da leitura e da escrita. Aponta os níveis e fases de leitura desde a primeira infância até a adolescência. Destaca as diferentes compreensões sobre adolescência em diferentes culturas. Apresenta como as histórias em quadrinhos se originaram e se tornaram o que são hoje. Analisa dois artigos que apresentam pesquisas sobre as histórias em quadrinhos aplicadas na educação através de atividades pedagógicas. O primeiro artigo busca compreender como é feito o incentivo à leitura por meio das histórias em quadrinhos em uma escola no estado do Mato Grosso, aplicando questionários a duas professoras e a quatro alunos do quarto ano. O segundo artigo busca compreender a realidade de três escolas da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará para verificar de que maneira as histórias em quadrinhos tem importância no incentivo à leitura das crianças. Objetivo deste trabalho é verificar de que forma o uso das histórias em quadrinhos incentivam à leitura e o aprendizado das crianças e dos adolescentes, identificando na literatura formas pelas quais as histórias em quadrinhos podem auxiliar à leitura e o aprendizado, além de verificar como é feito o seu uso como ferramentas de práticas pedagógicas, e analisa as percepções das crianças no uso das histórias em quadrinhos em atividades escolares.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Leitura. Educação. Biblioteconomia.

ABSTRACT

It addresses the topic of the use of comic books as encouraging tools for children and teenagers to read and learn. Discuss the importance of developing reading and writing. It points out the levels and stages of reading from early childhood to adolescence. It highlights the different understandings of adolescence in different cultures. It presents how comic books originated and became what they are today. It analyzes two articles that present research on comic books applied in education through pedagogical activities. The first article seeks to understand how reading is encouraged through comic books in a school in the state of Mato Grosso, applying questionnaires to two teachers and four fourth-year students. The second article seeks to understand the reality of three schools in the city of Fortaleza, in the state of Ceará to verify how comic books are important in encouraging children to read. The objective of this work is to verify how the use of comic books encourage children and adolescents to read and learn, identifying in the literature ways in which comic books can help reading and learning, in addition to verifying how it is done their use as tools for pedagogical practices, and analyzes the perceptions of children in the use of comic books in school activities.

Keywords: Comics. Reading. Education. Librarianship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Texto escrito em hieróglifos.....	13
Figura 2 - Página do manuscrito do Lorvão, criado em 1189.....	33
Figura 3 - Xilogravura de Bois Protat, datada 1370.....	34
Figura 4 - Exemplo de charge.....	37
Figura 5 - Exemplo de cartum.....	38
Figura 6 - Histoire de M. Vieux Bois de Rodolphe Töpffer (1799 –1846).....	40
Figura 7 - As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte....	41
Figura 8 - Primeira publicação de O Menino Amarelo, em 1895.....	42
Figura 9 - Página do primeiro fascículo da revista O Tico-Tico.....	44
Figura 10 - Capa da primeira publicação da revista Gibi, em 1939.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 LEITURA, ESCRITA E EDUCAÇÃO.....	12
2.1 O Desenvolvimento da Leitura e da Escrita.....	12
2.2 A Leitura e a Educação no Brasil.....	14
3 O INCENTIVO À LEITURA.....	18
3.1 A Leitura no Desenvolvimento da Criança.....	19
3.2 Níveis e Fases de Leitura.....	21
4 OS ADOLESCENTES E A LEITURA.....	24
4.1 A Adolescência através das Diferenças Culturais.....	24
4.2 O Processo de Leitura na Adolescência.....	27
5 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	31
5.1 As Origens das Histórias em Quadrinhos.....	31
5.2 O Nascimento e Desenvolvimento das Histórias em Quadrinhos.....	39
6 METODOLOGIA DO ESTUDO.....	50
7 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA.....	52
8 RESULTADOS DO ESTUDO.....	60
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	63

1 INTRODUÇÃO

A leitura de clássicos da literatura nacional e universal parece que não tem sido muito bem recebida pelas crianças e pelos adolescentes das gerações mais recentes. Eles estão com os seus interesses voltados para os variados aparelhos tecnológicos, acompanhando as inovações como algo trivial, pois já estão acostumados a obter a informação que necessitam em questão de segundos na palma da mão com as pesquisas na internet.

Convivendo com as tecnologias diariamente, a relação com a leitura e os estudos acaba ficando em segundo plano para a grande maioria das crianças e dos adolescentes, principalmente quando são impostos limites para ficarem em frente às telas. Caminhando desta forma, ou o mundo ficará repleto de analfabetos funcionais, ou uma nova forma de leitura será criada. Também existe a opção de incentivar a leitura e os estudos de uma forma em que os alunos não se sintam pressionados e desinteressados, como se estivessem apenas brincando, através dos gibis.

As histórias em quadrinhos são muitas vezes fantasiosas, levam os leitores para aventuras fantásticas, para mundos com masmorras, castelos medievais e dragões alados. Elas podem levar os leitores para realidades onde existem super-heróis com poderes sobre humanos e podem apresentar patos com características humanas como protagonistas das histórias. As histórias em quadrinhos são também muitas vezes críticas e sarcásticas, com piadas mordazes e humor irônico. As histórias em quadrinhos podem ter variadas formas, podem apresentar diversos temas e podem inclusive não ter falas. Há uma variedade de formas de se criar e se contar uma história em quadrinhos, até mesmo de formas educativas.

As histórias em quadrinhos chamam a atenção das pessoas por alguma razão, há algo nelas que atrai o olhar de todos que as vêem, mesmo sendo apenas uma olhada de relance, e as crianças geralmente ficam encantadas quando se deparam com um gibi. Essa força que as histórias em quadrinhos têm é impressionante e chama atenção para que possam ser utilizadas como ferramentas de estudo, auxiliando para a realização de atividades pedagógicas.

Atualmente já se aceita o uso das histórias em quadrinhos em salas de aula como forma de incentivar a leitura e fazer o entendimento dos conteúdos das

disciplinas se tornarem mais fáceis de compreender. Muitas vezes esses conteúdos são difíceis de serem entendidos pelos alunos, fatores como falta de concentração falta de interesse por alguma disciplina ou simplesmente falta de estímulo para estudar podem ser revertidos com o uso das histórias em quadrinho pelo professor, fazendo as aulas serem dinâmicas e divertidas, facilitando a concentração dos alunos.

Esta pesquisa apresenta um estudo que verifica de que forma o uso das histórias em quadrinhos incentiva a leitura e o aprendizado das crianças e dos adolescentes. Para isto buscou-se identificar na literatura de que maneira as histórias em quadrinhos podem estimular a leitura e o aprendizado, e como são realizadas as atividades que utilizam as histórias em quadrinhos como ferramentas de ensino, além de analisar as percepções de crianças com relação às histórias em quadrinhos nas atividades realizadas em escolas.

Deste modo, este estudo analisa dois artigos que apresentam pesquisas feitas em escolas para verificar as atividades realizadas com uso das histórias em quadrinhos. Os dois artigos analisados foram publicados em 2011 e 2013, e as pesquisas foram realizadas em uma escola do Município de Sinop, no estado do Mato Grosso, e em três escolas da cidade Fortaleza, no Estado do Ceará. Cada artigo possui metodologias diferentes, mas ambos trabalham com o mesmo tema e em perspectivas próximas, buscando verificar a presença das histórias em quadrinhos no incentivo à leitura e no estímulo ao aprendizado.

As histórias em quadrinhos, que por muito tempo foram injustiçadas no Brasil, trilharam um caminho árduo para conseguirem o respeito que mereciam. Elas já foram acusadas de má influência para as crianças, foram proibidas nas escolas, e também foram vítimas de preconceito, sendo consideradas um produto de baixa qualidade, uma arte barata e até mesmo de narrativas pobres em conteúdo. Com o passar dos anos as histórias em quadrinhos conseguiram melhorar sua reputação e passaram a ser vistas de forma diferente, com mais cuidado, com mais respeito, até chegar ao ponto de ser discutida sua utilização em sala de aula.

2 LEITURA, ESCRITA E EDUCAÇÃO

Desde muito tempo o ato de ler é considerado importante para diversas culturas e civilizações. Os povos antigos, como os sumérios e os egípcios, quando desenvolveram a prática da escrita, criaram algo para registrar histórias, mitos, lendas, leis e para preservar ensinamentos para gerações posteriores.

A possibilidade de leitura dos registros deixados foi essencial para que as civilizações se desenvolvessem tendo o conhecimento dos seus ancestrais.

2.1 O desenvolvimento da leitura e da escrita

O ato de ler está intimamente relacionado ao da escrita, pois se escreve para que uma leitura seja feita, criando representação de palavras ou ideias por sinais codificados nas letras, que formam palavras, que formam texto. A importância da leitura e da escrita era muito importante desde tempos imemoriais, mas ter a aptidão para executar tais atividades foi por muito tempo considerado um privilégio de poucos, sendo tarefa exercida principalmente pelos escribas.

Embora muitas coisas tenham mudado no mundo com a evolução das sociedades e com o advento da modernidade, a leitura e a escrita ainda são tabus, elas possuem barreiras que podem ser percebidas através do domínio que o ser humano tem sobre elas. Não se tem acesso de forma natural à leitura e à escrita, o ser humano não nasce sabendo ler nem escrever, tampouco adquire tais capacidades comprando em lojas ou através de pacotes de instalações com dados como as atuais tecnologias dispõem em computadores e celulares, por exemplo. O ser humano ainda não desenvolveu uma tecnologia que o faça adquirir habilidades de forma instantânea, elas devem ser aprendidas e desenvolvidas com práticas e hábitos. Desse modo, as escolas ainda são o melhor local no qual pode se construir o conhecimento sobre a leitura e a escrita.

Na origem da escrita, sua utilização acontecia por meio de símbolos e de desenhos no período pré-histórico. “Uma das primeiras maneiras de trocar mensagens e registrar experiências foi a pintura rupestre” (ESPAÇO DO

CONHECIMENTO UFMG, 2021). Até agora foram encontradas pinturas em paredes de cavernas que datam de 40 mil anos atrás. A escrita cuneiforme surgiria somente por volta de 3500 a.C., desenvolvidas pelos sumérios na Mesopotâmia.

A escrita tinha funções específicas em suas origens e eram feitas de forma rudimentar. “Os registros cotidianos, econômicos e políticos da época eram feitos na argila, com símbolos formados por cones. Nesse mesmo momento, surgem os hieróglifos no Egito” (ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG, 2021). Os hieróglifos eram uma escrita restrita, a população comum não tinha acesso, somente cidadãos poderosos, escribas e sacerdotes tinham o domínio dela.

Figura 1 – Texto escrito com hieróglifos egípcios



Fonte: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento>

Não se sabe ao certo como os hieróglifos tiveram origem, mas existem mitos que contam que foi o deus da escrita e da sabedoria, Toth, quem enviou as técnicas de escritas para os egípcios. Assim, ela se desenvolvendo com passar dos séculos e atualmente é bem diferente da forma como era na sua origem. Outras civilizações também desenvolveram a sua escrita, algumas utilizaram suportes como tabuletas de argila, outras o óstraco, que era mais acessível para classes mais baixas, além do papiro e do pergaminho.

Aqueles que podiam desenvolver a leitura e a escrita podiam adquirir “as bases de uma educaçao adequada para vida, alem de desenvolver capacidades espirituais, intelectuais e aptidões físicas” (MARTINS, 1982). Tais capacidades eram fundamentais e exclusivas para as classes mais elevadas, mas no século XX o aprendizado da leitura e da escrita passou a ter uma acessibilidade maior.

Porém, ainda existem empecilhos no Brasil e no mundo que tornam restritas para poucos a possibilidade de aprender a ler e a escrever. As desigualdades sociais dificultam a educaçao, pois algumas crianças se vēm forçadas a abandonara escola e, conseqüentemente, a leitura e escrita que acabam não alcançando essas crianças. As desigualdades sociais tornam o trabalho infantil uma prática quase sem escolha, pois como nem todos podem se dedicar aos estudos para poder ter o ganha-pão a cada dia, ao invés de ir à escola, trabalha para poder manter o sustento da família.

2.2 A Leitura e a Educaçao no Brasil

Segundo Zilberman (2021) “a atividade da escola, somada à difusao da escrita enquanto forma socialmente aceita de circulaçao de bens e à expansao dos meios de impressao, faculta a existencia de uma sociedade leitora”. Entretanto, a escola deve ser atuante e valorizar a educaçao como fator de ingresso à sociedade e ascensao, e a escrita deve ser tratada como uma propriedade capaz de atestar a legitimidade de outras propriedades.

No Brasil a LEI Nº 13.005/2014, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada em 25 de junho de 2014, aprovou o Plano Nacional de Educaçao (PNE). Este plano busca alcançar melhorias na educaçao, nas desigualdades educacionais, além de erradicar o analfabetismo. Entre as diretrizes do art. 2º do PNE estão:

- I - erradicaçao do analfabetismo;
- II - universalizaçao do atendimento escolar;
- III - superaçao das desigualdades educacionais, com ênfase na promoçao da cidadania e na erradicaçao de todas as formas de discriminaçao;
- IV - melhoria da qualidade da educaçao;

- V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade;
- VI - promoção do princípio da gestão democrática da educação pública;
- VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;
- VIII - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto - PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade;
- IX - valorização dos (as) profissionais da educação;
- X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental.

A vigência do PNE é de dez anos, mas com o passar dos anos e as trocas de governos a educação ficou em segundo plano. O que se percebe é um declínio na educação brasileira, apresentando uma queda de aproximadamente 650 mil matrículas em escolas públicas entre anos de 2019 e 2020, de acordo com o Censo Escolar 2020. A pandemia teve um forte impacto nesse aspecto, pois em 2019 os dados apontavam para 36.611.223 matrículas, enquanto que em 2020 houve 35.961.237 matrículas. A diferença é 1,7 %. A queda mais agravante foi no ensino fundamental integral nos anos finais, com que 30,4% entre o sexto e o nono ano.

O trabalho infantil também tem sido um índice que ataca a educação pública. O trabalho infantil é um problema que assola muitos países e com o Brasil isso não é diferente. Em pleno século XXI ainda há crianças submetidas ao trabalho infantil, as pessoas que vivem em situações de pobreza necessitam de sobrevivência a qualquer custo, e em situações extremas poder garantir o pão de cada dia acaba se tornando mais importante do que ir para escola.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), LEI Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 tem a finalidade de proteção integral à criança e ao adolescente para que tenham direito à educação e a cidadania. O art. 53 destaca que “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. O ECA busca garantir o direito da criança e do adolescente o acesso à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Para tentar contribuir mais com educação de crianças e adolescentes, em 2018 foi aprovada a LEI Nº 13.696, de 12 de julho de 2018, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), buscando promover o livro, a leitura, a escrita,

a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil. As bibliotecas públicas têm importante papel no auxílio aos estudos, tornando possível que seja utilizado seu acervo para toda população, principalmente os que não dispõem de condições para comprar livros e acessar internet. A Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, embora esteja aquém do que já fora outrora, disponibiliza seu espaço para estudos, para leitura de livros e também acesso à internet para todos os usuários, até mesmo para moradores de rua, desempenhando um importante papel de cidadania permitindo o acesso ao livro, à cultura e à educação, dando um importante exemplo da importância das bibliotecas para a sociedade.

As diretrizes do PNLE descritas no art. 2º destacam “o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania”, e também uma articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, principalmente a Política Nacional do Livro e Leitura (PNLL), instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003. Já no art. 3º do PNLL são apontados os seus objetivos, a saber:

- I - democratizar o acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura por meio de bibliotecas de acesso público, entre outros espaços de incentivo à leitura, de forma a ampliar os acervos físicos e digitais e as condições de acessibilidade;
- II - fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura, por meio da formação continuada em práticas de leitura para professores, bibliotecários e agentes de leitura, entre outros agentes educativos, culturais e sociais;
- III - valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas;
- IV - desenvolver a economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao fortalecimento da economia nacional, por meio de ações de incentivo ao mercado editorial e livreiro, às feiras de livros, aos eventos literários e à aquisição de acervos físicos e digitais para bibliotecas de acesso público;
- V - promover a literatura, as humanidades e o fomento aos processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário e acadêmico em território nacional e no exterior, para autores e escritores, por meio de prêmios, intercâmbios e bolsas, entre outros mecanismos;
- VI - fortalecer institucionalmente as bibliotecas de acesso público, com qualificação de espaços, acervos, mobiliários, equipamentos, programação cultural, atividades pedagógicas, extensão comunitária, incentivo à leitura, capacitação de pessoal, digitalização de acervos, empréstimos digitais, entre outras ações;

VII - incentivar pesquisas, estudos e o estabelecimento de indicadores relativos ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas, com vistas a fomentar a produção de conhecimento e de estatísticas como instrumentos de avaliação e qualificação das políticas públicas do setor;

VIII - promover a formação profissional no âmbito das cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura, por meio de ações de qualificação e capacitação sistemáticas e contínuas;

IX - incentivar a criação e a implantação de planos estaduais, distrital e municipais do livro e da leitura, em fortalecimento ao SNC;

X - incentivar a expansão das capacidades de criação cultural e de compreensão leitora, por meio do fortalecimento de ações educativas e culturais focadas no desenvolvimento das competências de produção e interpretação de textos.

A democratização do acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura é um grande passo para a criação de uma sociedade leitora que tenha capacidade de ler compreender o que está lendo.

Faz-se muito necessário a formação de mediadores de leitura, pois com a mediação da leitura, criando ações de estímulo para que iniciar a leitura de um livro não seja uma atividade árdua, principalmente para crianças e adolescentes, pois se eles adquirem o gosto pelo livro e o costume de abrir um livro, haverá grandes possibilidades de se tornarem leitores ávidos.

3 O INCENTIVO À LEITURA

Incentivar à leitura é um ato grandioso, muito importante, nobre e gentil de se realizar, pois com ele pode-se tornar possível que um indivíduo se torne um leitor. Cada pessoa possui seus gostos específicos para um determinado assunto, e quando se trata de incentivo à leitura esses gostos devem ser levados em conta, procurando encontrar maneiras de fazer com que as pessoas sintam vontade de abrir um livro e descubram outro mundo através dele, e que se deleitem com a narrativa pelas páginas de uma obra de literatura, no magnífico mundo da leitura.

Muitas vezes os interesses por determinados assuntos estão relacionados às faixas etárias de cada indivíduo e às experiências que cada um carrega na sua trajetória de vida. Esses assuntos podem surgir de forma clara, com fácil identificação do gosto por alguma coisa, ou de forma adormecida, estando à espera de um despertar, o incentivo. O incentivo pode ser bom ou ruim dependendo de qual seja seu intuito. Desta forma, o ideal é que seja incentivado às crianças somente aquilo que seja edificante, que possa contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade sadia através de brincadeiras lúdicas e educação de qualidade com foco na leitura e na escrita.

Para que as crianças tenham interesse pela leitura de forma espontânea, é preciso mostrar para elas como a literatura é importante e se faz presente na vida, tanto no desenvolvimento emocional quanto na capacidade expressar idéias. Para isso dar o exemplo, pois é um fator influenciador, à medida que se realiza uma atividade na presença de crianças, elas poderão adquirir o prazer de ler, do mesmo modo em que os adultos ficam assistindo televisão e com os olhos vidrados no celular, a criança vai adquirindo o mesmo comportamento. Se substituirmos a televisão e o celular pelo livro, ou se dermos a mesma importância, a criança poderá adquirir normalmente o costume de pegar o livro, de folhear as páginas e por fim de ler o conteúdo da obra (ORTIZ et al, 2018).

Uma forma bastante eficaz de incentivar à leitura é quando a criança ainda está em fase de gestação na barriga da mãe, neste período, deve-se contar histórias para a criança, pois “o bebê começa a perceber e identificar o som da voz materna a

partir da 20ª semana de gestação. O hábito de ler e cantar para os bebês ainda na barriga, propicia um elo entre os pais e o bebê” (ORTIZ et al, 2018).

Após o nascimento do bebê, é importante manter o hábito de contar histórias, “quando o bebê começar a interagir com objetos, tente inserir o livro nas brincadeiras desde muito pequeno.” criando tempo e espaço para a leitura, a curiosidade da criança será aguçada e a porta para o mundo da leitura será aberta de forma espontânea (ORTIZ et al, 2018).

3.1 A Leitura no Desenvolvimento da Criança

As crianças costumam ter tendência em se interessar por assuntos que contenham aventura, fantasia e mistério, desde que haja algum divertimento ou alguma brincadeira. Quando se trata de livros, de desenhos animados, de filmes e de jogos eletrônicos, o que chama atenção dos pequenos são histórias que se aproximam de uma realidade em que no imaginário da criança existe um mundo de fantasia e divertimento, com animais que falam e possuem características humanas, além de sua própria linha brinquedos. Uma das razões para isso é pelo fato de que os brinquedos e os animais fazem parte do mundo da criança, estão presentes no contexto em que muitas delas interagem.

Quando a leitura não é estimulada nas fases iniciais, é importante conhecer o mundo da criança, procurando compreender os gostos dela, bem como a forma como ela reage às interações sociais. “A criança, desde que nasce forma para si capacidades, habilidades e aptidões humanas, principalmente por meio das interações sociais, que contribuem para o seu processo de educação” (LEONTIEV, 1988 *apud* PASCHOAL, et al, 2016). Esse processo de educação envolve a sua formação de conhecimento e acontece através de vivências com os mais velhos, internalizando novos conhecimentos (PASCHOAL, et al, 2016).

A criança que não teve estímulo de leitura através de histórias orais, ainda pode ser influenciada quando chega à escola, pois nunca é tarde para incentivar a leitura. Não é somente com a alfabetização que deve estar centrada a preocupação do professor, é importante contar histórias durante as aulas buscando porque “o primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a

mãe, os avós ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias” (ORTIZ, et al, 2018). Depois, conforme a criança vai crescendo, ela se torna capaz de ter preferência por histórias, os seus gostos começam a ser definidos, “É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas” (ORTIZ, et al, 2018). Com o tempo, vai surgindo o interesse pelas histórias dos livros, como contos de fadas, contos maravilhosos, poemas, bem como histórias em quadrinhos com aventura e mistério como *As Aventuras de Tintim*, e super-heróis como *Superman*.

Um dos obstáculos da leitura têm sido as tecnologias, que tem ganhado força na preferência de indivíduos de todas as idades, mas principalmente nos jovens, pois com os variados dispositivos com acesso à internet, o livro acaba se tornando uma última opção para entretenimento, diversão e até mesmo para estudo. Embora com a tecnologia seja possível educar, ler e escrever através dos *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e outros dispositivos, e os pais e professores devem se atentar para que as crianças não fiquem tempo demais em redes sociais, jogos e vídeos, “as crianças e jovens são condicionadas a esses meios, tornando-se uma necessidade e até aliados para aprendizagem, comunicação e distração desde que haja monitoramentos dos pais, dos professores e dos responsáveis, determinando horários para cada atividade” (WINKLER; SANGALLI, 2016).

Testes de QI (Quociente de Inteligência) têm apresentado dados preocupantes com relação às novas gerações. Segundo os testes mais recentes, a inteligência das novas gerações se caracteriza como inferiores às gerações antecessoras, algo inédito, pois as gerações sempre apresentavam inteligência superior às de suas antecessoras. O neurocientista francês, Michel Desmurget, diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde da França, afirma que os testes são revisados com muita frequência, causando modificações em sua aplicação. Há uma série de fatores que afetam os resultados de testes de QI, como sistema de saúde, sistema escolar e nutrição, por exemplo. Desmurget (2020) aponta que “ainda não é possível determinar o papel específico de cada fator, incluindo, por exemplo, a poluição (especialmente a exposição precoce a pesticidas) ou a exposição a telas”.

As telas são os dispositivos eletrônicos como os *smartphones*, *tablets* e *notebooks* e televisões. Embora eles estejam presentes durante quase a totalidade

de um dia na vida das pessoas, não há uma resposta conclusiva sobre o quanto elas afetam o desenvolvimento da criança, não é possível afirmar que uso dessas tecnologias seja o principal culpado para dados tão alarmantes, mas “vários estudos têm mostrado que quando o uso de televisão ou videogame aumenta, o QI e o desenvolvimento cognitivo diminuem” (DESMURGET, 2020).

3.2 Níveis e Fases de Leitura

O desenvolvimento da criança evolui por etapas que não estão relacionadas somente à sua idade. Coelho (2002) aponta que cada criança cresce e amadurece de forma psicológica de acordo com o “seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual e do nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura”. É perigoso deixar a criança dependente das tecnologias por longos períodos enquanto ela ainda está nas fases iniciais de desenvolvimento, tanto físico quanto psicológico. Deixar a criança com livros, brinquedos, buscando sempre atividades lúdicas é o mais indicado, o mais saudável.

Deste modo, para cada leitor o seu livro, para cada livro o seu leitor, deve-se encontrar obras adequadas para cada momento de desenvolvimento da criança. Tentar incentivar uma criança a ler com grandes autores apenas porque já estão consagrados é um grande erro, pois uma criança que for incentivada a ler obras de Machado de Assis ou José de Alencar não terá maturidade para compreender os textos indicados e desestimulará a leitura de outros livros. Há autores consagrados como Cecília Meirelles, Jorge Amado, Erico Veríssimo, dentre outros, que escreveram obras infantis, esses, sim, podem ser indicados. Ortiz et al. (2018) afirma que é preciso que haja adequação aos livros que são indicados para os pequenos, procurando oferecer obras com histórias que estejam ao alcance de seu entendimento à medida que, na sua caminhada de crescimento, vão percorrendo os estágios psicológicos.

De acordo com Ortiz et al. (2018), “existem cinco etapas de leitura que acompanham o desenvolvimento psicológico da criança: pré-leitor, leitor iniciante, leitor em processo, leitor fluente e leitor crítico”.

A etapa de pré-leitor abrange os bebês com aproximadamente 15 meses até às crianças com três anos de idade. Esta é uma fase de reconhecimento do mundo, onde os sentidos começando a ser percebido e a criança começa a se adaptar ao ambiente em que está inserida. O contato afetivo é fundamental, bem como estimulação dos sentidos como tato, visão, audição e olfato, realizando formas simples de leitura. “A partir da percepção da criança com o meio em que vive, é possível estimulá-la oferecendo-lhe brinquedos, álbuns, chocalhos musicais, entre outros” (ORTIZ et al ,2018).

A etapa de leitor iniciante abrange as idades de seis e sete anos. Como ainda não existe domínio da leitura, deve-se apresentar para eles livros que contenham mais imagem do que texto para prender sua atenção e não sentirem como estivessem lendo ao interminável, pois textos com parágrafos extensos podem desanimar a leitura. Coelho (2002 *apud* Ortiz et al. 2018) destaca que a “repetição ou reiteração de elementos são favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado.” Como as crianças nesta fase ainda estão no início do aprendizado da leitura deve o adulto estimular a criança, apresentando livros adequados, com linguagem simples, com muitas ilustrações, personagens como animais e objetos falantes, com características de bom ou mau, mas que sejam principalmente com histórias engraçadas e que estimulem a capacidade de imaginação da criança.

A etapa de leitor em processo abrange as crianças com oito e nove anos de idade. Nesta fase o domínio da leitura e a capacidade de pensamento estão mais desenvolvidos, há interesse por descobrir o significado das coisas, com curiosidades para assuntos diversos, e estão ávidos por desafios para serem cumpridos, buscando o divertimento. Os livros mais indicados para as crianças desta etapa devem conter frases simples, parágrafos curtos e conteúdo com humor e situações inesperadas. Histórias com aventura e fantasia com início, meio e fim, havendo sempre algum problema ou conflito para ser resolvido são as que mais atraem sua atenção (COELHO, 2002 *apud* ORTIZ et al. 2018).

A fase de leitor fluente abrange as idades de 10 e 11 anos. Este leitor possui uma leitura praticamente consolidada, há maior capacidade de interpretação de texto, “é maior do que nas fases anteriores, é a partir dessa fase que a criança desenvolve o ‘pensamento hipotético dedutivo’ e a capacidade de abstração”. Nesta

fase ocorrem muitas mudanças, é o período entre infância e pré-adolescência, agora a criança começa a olhar para si mesma, por vezes com um sentimento de independência, capaz resolver seus problemas sem ajuda de adultos, “há uma espécie de retomada do egocentrismo infantil, e o pré-adolescente pode apresentar um certo desequilíbrio com o meio em que vive” (COELHO, 2002 apud ORTIZ et al. 2018).

Como leitor fluente, o interesse é maior por obras com linguagem mais elaborada, podendo ser histórias que apresentem assuntos com valores políticos e éticos, ou histórias em que haja identificação com os personagens, como jovens que lutam por algo, ou um grupo que busca algum ideal. Há preferência também por histórias com super-heróis e super-heroínas, lendas e aventuras. As ilustrações já não são tão importantes, embora elas ainda possam servir para chamar atenção (ORTIZ et al. 2018).

A fase de leitor crítico abrange os adolescentes entre 12 e 13 anos de idade. Para os adolescentes que desenvolverem a leitura etapa por etapa, nesta fase o domínio da leitura é completo, bem como o da linguagem e da escrita. O adolescente leitor pode apresentar uma característica em que as reflexões são feitas com maior frequência, questionamentos se fazem presente a todo o momento e sua consciência crítica com relação ao mundo começa a se desenvolver (ORTIZ et al. 2018).

É importante provocar o interesse das crianças e dos adolescentes fazendo com que eles sintam algo de diferente com a leitura, desde sentimentos como o de saber, de ter o conhecimento de algo, como também emoções diversas a partir do tipo de texto que estiverem lendo como histórias que despertem curiosidades, outras que fazem se sentir felizes até mesmo leituras que os façam chorar. A leitura quando penetra fundo no leitor, faz surgir emoções e reflexões, por isso é importante que haja uma aproximação com a leitura, de preferência em casa com o incentivo dos pais, mas o incentivo do professor também é bastante importante.

4 OS ADOLESCENTES E A LEITURA

A leitura na infância e na adolescência é motivo de muitos debates e questionamentos sobre qual a melhor forma de apresentá-la ao leitor iniciante ou qual o melhor momento para fazer isto.

No início a criança e o adolescente precisam de estímulos para ler um livro, o ideal é que o adolescente já tenha passado pela etapa de incentivo à leitura e tenha adquirido o gosto pelos livros ainda na infância, mas a realidade brasileira enfrenta muitos obstáculos quando tanto para se tornar comum a leitura quanto para a educação, muitas vezes um adolescente nunca leu um livro ou nunca teve a oportunidade segurar um em mãos. Por tal razão, é preciso encontrar formas de superar a barreira entre a leitura e os adolescentes.

4.1 A Adolescência através das Diferenças Culturais

A adolescência é sem dúvida uma das etapas mais complicadas para os pais e os professores lidarem com seus filhos e alunos, pois neste momento da vida surgem muitas inseguranças, muitos questionamentos, mudanças no modo de pensar e as inevitáveis mudanças físicas. Tudo isso pode contribuir para que o adolescente tenha resistência para começar a ler um livro por vontade própria, sem ter que realizar uma atividade motivada por obrigações da escola. Soma-se a isso o fator das tecnologias, que podem ocasionar o afastamento dos jovens aos livros por considerarem mais interessantes as várias utilidades que são encontradas nos dispositivos eletrônicos com acesso à internet.

Atualmente existem muitos vídeos na internet com influenciadores digitais que fazem resenhas de livros ou comentam sobre a leitura de um livro. Geralmente falando com uma linguagem mais próxima dos jovens, os influenciadores com seus vídeos podem servir de incentivo a leitura para os adolescentes, pois eles tornam o ato de ler algo prazeroso e divertido, e são essas coisas que os jovens tanto anseiam nesta etapa. A adolescência é “o período da vida humana que começa com a puberdade e se caracteriza por mudanças corporais e psicológicas, estendendo-se,

aproximadamente, dos 12 aos 20 anos” (AURÉLIO, 2004). É importante entender essa etapa principalmente porque as relações com os adolescentes divergem de cultura para cultura.

Embora seja muito comum considerar duas etapas diferentes entre infância e adolescência, a conceituação de adolescente é bem mais complicada e curiosa do que parece ser, pois mesmo que geralmente seja normal considerar estas duas etapas como sendo fases de amadurecimento, quando se analisa os dois termos é preciso compreender que cada cultura possui uma maneira diferente de lidar com os jovens. O entendimento sobre infância e adolescência como “concepções culturais e históricas se modifica em meio a um território onde também se produzem as práticas pedagógicas” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 2020).

O conceito de infância do modo como se conhece atualmente teve origem no século XVII e se consolidou com a ideia de família burguesa em meados do século XIX (ARIÈS, 1986). Já o conceito de adolescência é mais recente, teve origem em meados do século XX, sendo um resultado de um produto criado através de um símbolo, o ator James Dean, que interpretou o personagem principal do filme Juventude Transviada, de 1955. A imagem do personagem funcionou como uma espécie de produto que o mercado encontrou para ser exportada para todo o ocidente, com uma nova concepção de juventude, rebelde sem causa (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 2020).

De acordo com a SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO (2020), com a disseminação da imagem de adolescente rebelde para todo o ocidente “foi uma questão de pouco tempo para que ela fizesse parte do imaginário em outros cantos do mundo”. Em muitas culturas a etapa da adolescência não ocorre em um momento específico, pois a faixa etária não é um fator que define o período de início e fim da adolescência nem da infância, a passagem da infância para adolescência ou fase adulta pode ocorrer sob circunstâncias variadas e, às vezes, a adolescência nem ao menos é considerada, sendo quase uma característica subjetiva da juventude.

Rey (1990, p. 154) defende que a juventude é uma invenção de velhos e que na verdade ela não existe, ela é nada mais do que palavras evocadas, além disso, aponta que ninguém sabe quando é jovem, só se percebe que foi quando já não é

mais. Em si, só é concebível quando não existe mais, em negativo, a título de ausência.

É verdade que cada cultura possui sua própria maneira de definir quando uma criança adquire maturidade, podendo ocorrer a partir do amadurecimento físico, “momento em que o grupo social se reúne e, por meio de rituais de iniciação tradicionais, submetem os jovens a determinadas tarefas que, se cumpridas de acordo com os preceitos, os tornam adultos perante os olhos da comunidade” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 2020). Na ilha de Leper quando um menino atinge determinada idade ele deve perder o contato com sua irmã, para isso precisa sair de casa e ir morar num local chamado clube e nunca voltar a ver sua irmã (COUTINHO, 2009).

Há tantas curiosidades com relação ao modo como os adolescentes são tratados ao redor do mundo, mas percebe-se que na maioria das culturas a faixa etária não foge tanto da que é considerada no ocidente. Nas sociedades ocidentais a invenção do produto chamado adolescência não conseguiu satisfazer todos os desejos do mercado, então foi preciso criar outra etapa de desenvolvimento do indivíduo, chamada de pré-adolescência. “A própria noção de adolescência adquire o status de uma ideia em permanente mutação. Aquilo que determinada cultura conceitualiza como adolescência não possui nenhuma constante capaz de sedimentar uma significação perene” (MORAES; WEINMANN, 2020).

A sociedade ocidental passou a ter maior contato com culturas diferentes no século XVI, ocasionando bastante estranhamento com os costumes dos outros povos. Com o passar dos anos, pesquisadores buscaram compreender a organização social humana, ainda mais no século XIX, onde as ideias evolucionistas pairavam sobre a sociedade ocidental, mas tudo o que era interpretado como estranho e diferente da cultura ocidental era considerado primitivo. Já no século XX, antropólogos estavam em busca de explicações para determinados fenômenos das sociedades contemporâneas, tais como identificar e entender as características específicas das culturas que para eles eram diferentes (COUTINHO, 2009; MORAES; WEINMANN, 2020).

Nas observações feitas por antropólogos, eles perceberam algo que chamou sua atenção, os comportamentos que geralmente são comuns de serem vistos em adolescentes no ocidente moderno não estavam presentes nos jovens de outras

localidades do mundo. Deste modo, Moraes e Weinmann (2020) apontam que “isso possibilita pensar que tais manifestações dependem do meio social e não são específicos de um determinado momento cronológico da vida.” Nas diferenças interculturais o que se transmite para os jovens é aquilo que é comum e, às vezes, tradição para cada povo e para cada região.

Com tais concepções compreende-se que os comportamentos dos jovens estão relacionados de acordo com as suas culturas. Porém, atualmente, independentemente do local, com o crescimento das informações e comunicações via internet seria inevitável que em algum momento da história acontecesse o choque de culturas, e assim como se pode perceber em duas meninas ativistas que se tornaram conhecidas mundialmente por suas forças e desejos de mudar o mundo, a característica de querer revolucionar e mudar parece ser algo que tem surgido em comum numa espécie de globalização da juventude. A paquistanesa Malala Yousafzai, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2014, aos 17 anos e Greta Thunberg, que recebeu duas indicações para o mesmo prêmio em 2019 e 2020, aos 16 e 17 anos respectivamente, apesar de pertencerem a países de culturas distintas, possuem muitas coisas em comum nos seus comportamentos e visões de mundo.

4.2 O Processo de Leitura na Adolescência

Com as pesquisas realizadas observando a adolescência em diferentes culturas, é possível perceber que não se pode aplicar a todos o que é somente característico de uma cultura (PALACIOS, 2004). De acordo com o ECA, Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, define crianças e adolescente da seguinte maneira, “Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Ainda, segundo o Parágrafo único. “Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade”.

Existem maneiras distintas de tratar conceber a adolescência em diferentes regiões do mundo. Apesar disso, faz parte da biologia do ser humano sofrer

mudanças específicas entre a infância e a fase adulta, pois é uma etapa de desenvolvimento que independe de cultura e tradição e lei. Esta é uma etapa de crescimento para se tornar adulto da qual todos devem passar, não se pode escapar nem ignorar. Os comportamentos culturais podem ser variados e distintos, mas os psicológicos possuem similaridades.

Todos os jovens passam por situações parecidas como crises, perturbações, medos, inseguranças e tantos outros sentimentos que muitas vezes eles mesmos não entendem. “Os adolescentes vivem sobre tensões e conflitos e experimentam sentimentos de solidão, de incompreensão e de vazio” (MORO, 2011). Com vários sentimentos constantes, estudar se torna uma tarefa árdua para os adolescentes, e a leitura é praticamente dispensada, sendo para eles uma atividade não prazerosa.

No Brasil os adolescentes geralmente lêem por obrigação enquanto estão na escola, mas após a conclusão do ensino médio muitos abandonam a leitura. Além disso, grande parte das escolas públicas não possui disciplinas ou períodos dedicados à leitura, conseqüentemente quando o aluno chega ao ensino médio se depara com leituras na disciplina de literatura, e neste momento surge uma barreira que impede que a atividade seja realizada com prazer, pois o gosto pela leitura ainda não foi descoberto ou se perdeu.

Rodeados por tecnologias como jogos eletrônicos, redes sociais, canais de streaming com filmes, séries e músicas, os adolescentes optam pelo entretenimento fácil ou que os faça sentir com menos tédio e mais divertimento, podendo também ser uma fuga para problemas que estejam enfrentando nesta etapa de suas vidas. Deste modo, para incentivar a leitura e torná-la atrativa, deve-se “priorizar a diversidade na escolha de conteúdos que possam ser lidos com prazer pelos leitores, por meio dos quais, estes desenvolvam sua sensibilidade e o senso estético” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, 2019?).

O entretenimento fácil nem sempre é o melhor, é preciso prestar atenção em seus gostos e buscar por leituras que dialogue com seu mundo, mas que tenham algum ensinamento mesmo que seja apenas nas entre linhas. Do contrário os jovens poderão se tornar como as crianças descritas na obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, publicada em 1938, onde o autor as menciona como “atordoadas por entretenimento bobo, privadas de linguagem, incapazes de refletir sobre o mundo, mas felizes com sua sina”.

Para estabelecer um comprometimento com a leitura é preciso dar importância para o contexto dos adolescentes, pois mesmo que suas angústias sejam assuntos e problemas bobos para os adultos, deve-se procurar conhecer os “saberes prévios que eles trazem de seu cotidiano e das histórias que ocorrem o tempo todo em seu entorno” (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, 2019?). O ideal é resgatar os contextos em que estão presentes as histórias orais, os conteúdos da televisão, as redes sociais, as histórias em quadrinhos e os filmes porque seus elementos básicos possuem a estrutura de narrativas com texto. Assim, poderão ser explorados e estimulados mundos e livros em que o leitor, principalmente o adolescente, possa ler.

Ainda que exista alguma resistência por parte dos adolescentes com relação às leituras que são indicadas pela escola, através de dados disponibilizados pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, é possível observar que o maior percentual de leitores no Brasil é constituído por adolescentes. Porém, de acordo com os dados, quando os adolescentes concluem os estudos e saem da escola, a leitura deixa de ser realizada.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil busca avaliar o comportamento do leitor do brasileiro numa abrangência que cobre todos os estados do país. Os resultados da pesquisa são divulgados amplamente pelos veículos de informação e podem ser acessados de através do sítio do Instituto Pró-Livro, disponível com acesso aberto para todos os públicos. Esta é a única pesquisa, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Tornou-se referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros. A pesquisa passou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) em 2007, na segunda edição, quando ampliou sua abrangência para representar toda a população brasileira com mais de 5 anos e adotou metodologia proposta pelo CERLAC-UNESCO, para possibilitar a comparação com os resultados de outros países da Ibero-América.

A quinta edição da Retratos da Leitura no Brasil foi realizada no período de outubro 2019 e janeiro de 2020, seu método de coleta foi através de entrevistas domiciliares face a face, com registro das respostas em *tablets*. De acordo com a última pesquisa, divulgada em setembro de 2020, o interesse por literatura por indicação da escola ou de um professor ou professora, apresenta os maiores índices entre as faixas-etárias de 5 a 17.

A pesquisa aponta para 52% de brasileiros que possuem hábitos de leitura, apresentando uma queda de 4% da pesquisa anterior divulgada em 2015. A média de livros lidos em um ano é 4,2 livros por pessoa. Um dado curioso mostra que a faixa etária que apresentou aumento de leitores foi a de crianças entre 5 e 10 anos de idade. Os adolescentes, os jovens e os adultos leram menos do que no período da pesquisa anterior. Por outro lado, os pré-adolescentes entre 11 e 13 anos é o grupo que apresenta maior percentual de leitura no Brasil com 81%.

A maioria dos leitores que pratica leitura, apenas a faz por indicação da escola ou dos professores, mas acabam abandonando a prática quando se formam no ensino médio, se desligando de um ambiente escolar onde há maior incentivo. As faixas etárias que responderam que o gosto pela leitura é a sua maior motivação para ler estão entre os 5 e 10 anos, com 48%; entre 11 e 13 anos, com 33%; e entre 14 e 17 anos com 24%.

5 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos são formas de arte que mesclam ilustração e texto através de pequenos quadros, apresentando uma variedade de arte com diferentes abordagens, técnicas e finalidades. Uma história em quadrinho é constituída basicamente de quadros justapostos em sequência, apresentando em cada quadrinho ilustrações com diálogo de personagens ou narração de uma história.

Existe também a charge, o cartum e a tira, cada estilo com suas características, tendo em comum a reprodução de uma arte que combina ilustração, balões de texto e onomatopéias, mas somente a tira pode ser considerada, de fato, uma história em quadrinho.

5.1 As Origens das Histórias em Quadrinhos

As histórias em quadrinhos não têm uma data de origem bem definida, os especialistas divergem sobre quando elas surgiram, alguns apontam para o período pré-histórico, outros para o período da Conquista da Normandia da Inglaterra, no século XI. Há também os que afirmam que as histórias em quadrinhos como são conhecidas atualmente são uma evolução das publicações feitas entre os séculos XVIII e XIX na Inglaterra e nos Estados Unidos numa propulsão de produções artísticas com temáticas cômicas. No entanto, não existe um consenso sobre o ponto zero das histórias em quadrinhos.

Muitos pesquisadores acreditam que as histórias em quadrinhos tiveram origem nas pinturas rupestres, que representavam momentos do cotidiano durante aquele período, com reproduções de atos de caça desenhados na parede das cavernas em sequência. As pinturas rupestres indicariam uma espécie de arte primitiva de história em quadrinhos, mas o pesquisador sul-africano David Lewis-Williams que discordou dessas ideias e das teorias da história da arte sobre as primeiras formas de arte registradas pelo ser humano. Williams defende que as pinturas feitas em paredes de cavernas são, na verdade, alterações da mente. As

alterações da mente são “mudanças temporárias no padrão geral da experiência subjetiva no mundo”, ocasionadas pelo ambiente inóspito das cavernas.

O pesquisador da Universidade Federal de Goiás (UFG), Matheus Moura Silva, estuda a produção de quadrinhos visionários, inspirado pelas teorias de Willians, e defende a teoria de não se pode considerar as pinturas rupestres como uma arte feita para retratar o cotidiano, pois as cavernas eram profundas, com perigos invisíveis devido a pouca iluminação, sendo um grande risco adentrar para apenas fazer pinturas. Em entrevista, Silva aponta que o interesse pelos ambientes profundos das cavernas tinha como objetivo buscar os estados ampliados da consciência, para isso era necessário haver escuridão, isolamento de som e luminosidade. Desse modo, se criavam as pinturas rupestres (MELO, 2018).

Nos períodos seguintes surgiram as pinturas e os relevos egípcios como uma forma de narrativa com imagens. Elas eram feitas no interior de templos e nos túmulos, reproduziam símbolos, figuras humanas em diversas atividades como rituais com danças, caçadas, colheitas, domesticação de animais e muitas outras. Tais pinturas apresentam narrativas através da escrita cuneiforme.

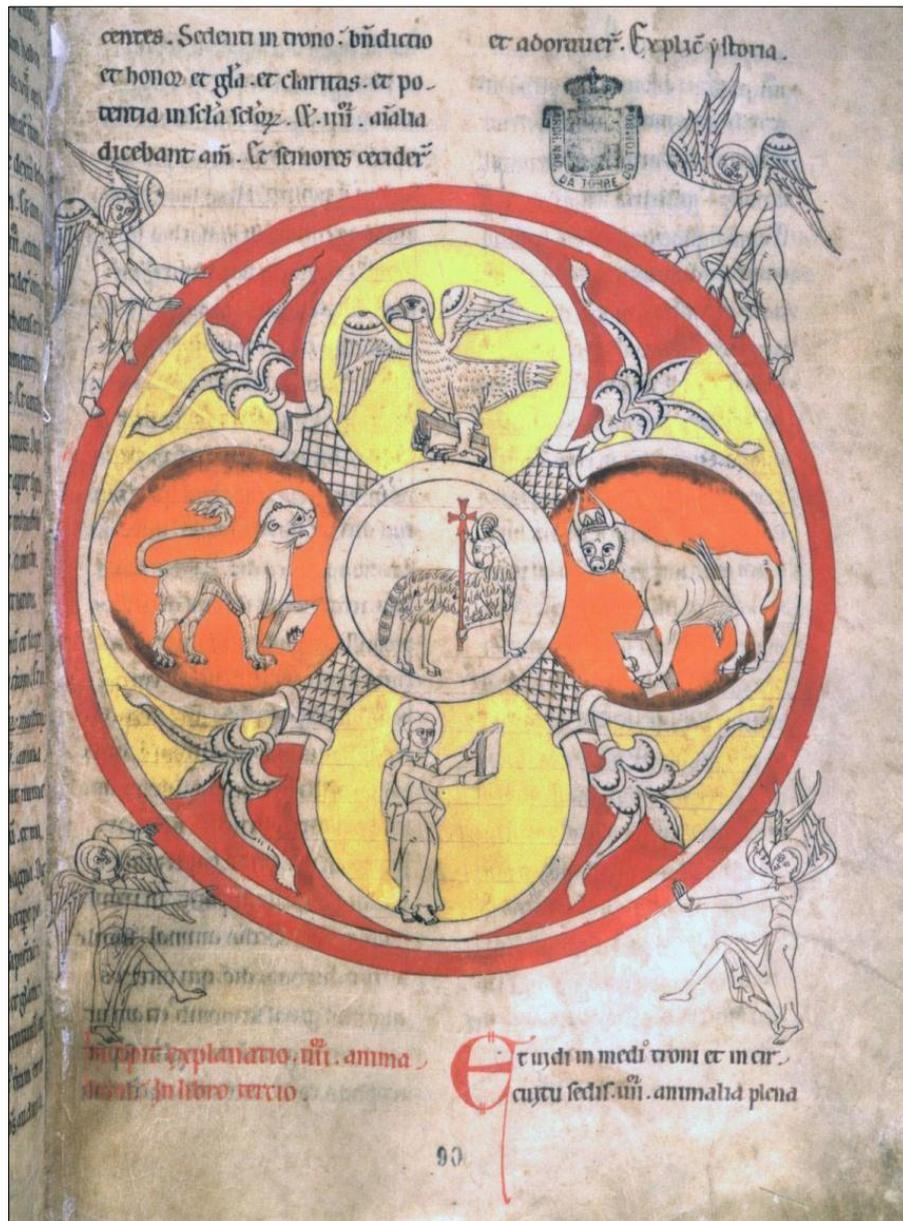
O período da Idade Média apresentou o surgimento de uma nova forma de arte, reunindo ilustração e uma espécie de balão de texto, lembrando os balões de textos das histórias em quadrinhos atuais. Este tipo de arte foi reproduzida em um documento manuscrito, conhecido como Apocalipse do Lorvão, ou Manuscrito do Lorvão. (Figura 2).

O manuscrito possui ilustrações do ano de 1189, criadas por um monge do Mosteiro do Lorvão, localizado no distrito de Coimbra, em Portugal, e apresenta 66 iluminuras que ilustram um comentário que foi feito ao último livro do Novo Testamento da bíblia cristã, Apocalipse. Em 786, nas Astúrias, atual região norte de Espanha, um Padre escreveu um comentário em latim referente a uma passagem do livro de Apocalipse para facilitar o entendimento dos leitores. Mais de 400 anos depois, um monge beneditino no Mosteiro do Lorvão copiou um dos 22 comentários que o Padre havia feito para algumas passagens da bíblia e o ilustrou com as 66 ilustrações que compõem o Manuscrito do Lorvão (CASTRO, 2015).

O manuscrito é considerado um tesouro português e um dos mais belos registros da Idade Média ocidental, e desde 2015 está presente no registro de

Memória do Mundo pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que lista o patrimônio documental mundial.

Figura 2 - Página do manuscrito do Lorvão, criado em 1189



Fonte: <https://antt.dglab.gov.pt/>

Há uma xilogravura do século XIV que apresenta algo semelhante ao balão das histórias em quadrinhos, pois possui um texto coma fala de um homem. Esta xilogravura reproduz uma passagem bíblica também, retratando o momento da crucificação de Jesus, combinando imagem e texto. A arte é, na verdade, apenas

um fragmento da xilogravura Bois Protat, também chamada bloco Protat ou xilogravura Protat, datada de 1370-1380. (Figura 3).

Figura 3 - Xilogravura de Bois Protat, datada 1370



Fonte: wikimedia.org

As imagens da xilogravura são as mais antigas de xilogravuras sobreviventes da Idade Média ocidental, e acredita-se que a cena da crucificação pode ter sido constituída de três ou mais blocos, restando somente um fragmento. Na obra há um centurião romano ao pé da cruz com uma espécie de pergaminho saindo de sua boca, precursor do balão de fala das histórias em quadrinhos, do cartum e da charge contendo a seguinte frase “na verdade, Este era o filho de Deus” (RAHDE, 1996).

No século XV as xilogravuras passaram a ser utilizadas para ilustrar livros, combinando imagem com texto. Deste modo, as ilustrações para obras de literatura

tiveram um grande desenvolvimento, sendo bastante populares no século XIX, com artes de Paul et Virginie, Gustave Doré e um famoso desenhista da época, o inglês George Cruikshank, responsável pelo sucesso da obra *Oliver Twist* quando o renomado autor Charles Dickens era praticamente um desconhecido (RAHDE, 1996).

Discordando de muitas teorias e suposições sobre a origem das histórias em quadrinhos, Vergueiro (2004) como grande conhecedor e especialista que é no assunto, ignora as pinturas das cavernas, os hieróglifos egípcios e todas as escritas ideográficas, além de “todas as formas narrativas gráficas registradas em suportes mais pitorescos ou peças arquitetônicas (entre outras, a tão conhecida Coluna de Trajano)” (VERGUEIRO, 2004) e, por fim, “os quadros da Via Sacra, afixados nas igrejas de todo o mundo, que graficamente retratam, em cenas sucessivas, o martírio e glória de Jesus Cristo” (VERGUEIRO, 2004). Deste modo, Vergueiro (2004) aponta que

[...] embora a discussão sobre o verdadeiro instante de aparecimento das histórias em quadrinhos leve muitas vezes a longas, nem sempre muito conclusivas e, em geral, quase intermináveis discussões por parte de estudiosos e pesquisadores, é impossível não reconhecer que os quadrinhos, enquanto meio de comunicação de massa, guardam uma estreita ligação, em suas origens, com o cartum e a charge humorística.

A charge e a caricatura surgiram na Inglaterra e na França nos séculos XVIII e XIX, no jornalismo ilustrado, tendo suas raízes na iconografia da Idade Média e nos ateliês de pintura dos séculos XV e XVI. Aliás, foi nos ateliês de pintura que surgiu o cartum, que era a etapa final de uma série de esboços que serviriam para a realização das grandes obras renascentistas (NERY, 2001).

A charge e o cartum são em muitos países a mesma coisa, não havendo diferenças significativas de uma para outro. Charge e cartum ganharam uma forma específica no século XVII, tendo como suas características as representações pictóricas que satirizam ou criticam alguma personalidade, um personagem ou episódio de conhecimento público. Somando a isso, a arte da caricatura também entrou para o seu repertório.

A caricatura apresenta uma figura com proporções exageradas e geralmente sem texto. O termo caricatura tem origem na palavra italiana *caricare*, cujo

significado é exagerar, ou aumentar as proporções de alguma coisa. Surgiu a partir dos trabalhos artísticos do italiano Agostino Carracci da Bolonha, que criou muito trabalhos de indivíduos populares da sua cidade no século XVII. A combinação entre caricatura e charge seria quase inevitável, pois ambas tinham em comum o tom satírico e humorístico.

Nery (2001) aponta que a charge “é um gênero de discurso, com repertório disponível nas práticas socioculturais imediatas; ligando-se sempre ao modo como um determinado grupo vê o outro”. Em sua forma atual, a charge ainda mantém muitas de suas peculiaridades que, historicamente, deram origem a ela, mas possui uma estrutura muito mais consolidada.

Para que uma publicação seja considerada uma história em quadrinhos, é preciso que ela seja reproduzida pelo menos em dois quadrinhos (PINTER, 2019). Deste modo, apesar da grande evolução da charge, do cartum e da caricatura, eles não podem ser considerados histórias em quadrinhos, mas eles, certamente, são os precursores desta arte.

Vergueiro (2003) aponta que nos séculos XVIII e XIX houve grande expansão da imprensa no mundo ocidental, contribuindo para os folhetins e os jornais humorísticos. A publicação de folhetos com caricatura de pessoas famosas na Inglaterra estava em alta, bem como ilustrações picarescas, sendo um momento grande de popularização destas artes. Nos Estados Unidos também se tornou muito comum este tipo de publicação cômica.

Por terem se difundido mais agressivamente na imprensa jornalística norte-americana, acabaram inicialmente sendo reconhecidos pelas características que ali predominavam. Como, em sua maioria, exploravam temáticas cômicas, as histórias em quadrinhos publicadas na terra do Tio Sam receberam, em virtude disso, a denominação de *funnies* ou *comics* - e, posteriormente, *comic strips* e *comic books* -, nome pelo qual ainda são hoje internacionalmente conhecidas (VERGUEIRO, 2003).

Por conta disso, as histórias em quadrinhos ainda são vistas como publicações de pouca importância ou qualidade. Segundo Vergueiro (2003) “é comum que pessoas não muito familiarizadas com as histórias em quadrinhos as vejam como produtos essencialmente humorísticos e voltados para o público infantil”. No entanto, elas atingem públicos variados, tanto crianças como adultos.

Muitas vezes é difícil de distinguir a diferença entre a charge e o cartum, embora no Brasil elas tenham suas diferenças bem definidas. A charge é imediatista, com uma crítica ou sátira de um acontecimento do momento, ou de algum assunto dentro de um contexto específico. O cartum possui mais liberdade, pois ele é atemporal, não necessariamente precisa estar vinculado a um acontecimento específico e é universal, pois pode ser entendido por qualquer tipo de cultura, independente do país. Atualmente a charge faz críticas e piadas às figuras públicas como os políticos e as celebridades. A seguir está um exemplo de uma charge atual. (Figura 4).

Figura 4 - Exemplo de charge



Fonte: <https://www.agazeta.com.br/charge/>

A ilustração acima representa uma crítica em tom de piada ao governo do então, atual presidente do Brasil, publicada em maio de 2020. Pode-se notar o quanto ela está relacionada ao contexto do momento de sua publicação, embora ela ainda possa ser entendida sem dificuldade, é preciso conhecer o contexto histórico de uma charge para que se entenda o sentido da piada.

O cartum, que tem como objetivo satirizar acontecimentos envolvendo pessoas comuns em situações universais e atemporais, se diferencia da charge principalmente por ser atemporal e, às vezes, se assemelha com uma tirinha, pois pode conter diálogos e mais de um quadrinho. (Figura 5).

Figura 5 - Exemplo de cartum



Fonte: <https://twitter.com/adnaeldaaz/>

O cartum acima retrata uma situação universal e também atemporal, apresentando os problemas que existem com o lixo jogado nos mares, rios ou lagos, causando graves problemas ao meio ambiente, retratando um problema que afeta o mundo inteiro e que existe há muito tempo.

Os cartuns e charges atuais possuem diferenças perceptíveis com relação ao que eram antigamente com quase forma. Segundo Arbach (2007), o cartum atual é uma anedota gráfica com crítica mordaz, que faz referência a fatos ou pessoas, porém sem precisar haver algum vínculo com a realidade. De fato, o cartum pode reproduzir uma expressão gráfica com humor sem depender de um contexto, mas

ele também pode conter elementos presentes nas histórias em quadrinhos, como imagens justapostas contínuas, balões, texto e onomatopeias. A sua semelhança com as tirinhas de jornais é muito grande e pode ser confundida.

Deste modo, percebe-se que a charge, o cartum e a caricatura forma essenciais para o surgimento das tirinhas de jornal e das histórias em quadrinhos como são conhecidas atualmente.

5.2 O Nascimento e Desenvolvimento das Histórias em Quadrinhos

O surgimento das histórias em quadrinhos, como atualmente são conhecidas, não aconteceu de forma simples, as sociedades, as artes e as culturas passaram por várias mudanças, com muitas etapas de desenvolvimentos até chegar ao mundo atual, e as histórias em quadrinhos seguiram essas etapas de desenvolvimento, se adaptando às mudanças e evoluindo conforme os valores de cada época.

Por outro lado, o surgimento da charge, do cartum e da caricatura ampliou os horizontes da arte sequencial, até mesmo a fotografia e o cinema tiveram algum tipo de contribuição que culminou para o aparecimento das narrativas contadas através de quadrinhos.

Acontece que os séculos XVII, XVIII e XIX apresentaram uma produção efervescente no mundo da arte, com variados tipos de expressões que foram ganhando forma à medida que o tempo foi passando, e a presença destes trabalhos se tornou praticamente comum.

A imprensa humorística inglesa estava em constante desenvolvimento e, no século XIX, ela atingiu o seu apogeu, enquanto que nos Estados Unidos a imprensa humorística foi difundida de forma mais agressiva através das publicações de jornais. (VERGUEIRO, 2003).

As narrativas apresentadas em quadrinhos sequenciais já estavam sendo reproduzidas por alguns autores na primeira metade do século no XIX, como Rodolphe Töpffer (1799 –1846), na obra *Histoire de M. Vieux Bois* (História do Sr. Madeira Vermelha, em tradução literal), publicada em 1837. (Figura 6). Esta

narrativa desempenhou um importante papel para os surgimentos das histórias em quadrinhos norte-americanas e europeias.

Rodolphe Töpffer foi um cartunista e caricaturista suíço que criava suas narrativas através de painéis com legendas. Cada painel era uma sequência do anterior. Os seus painéis com arte sequenciais foram reunidos e publicados em um livro em 1837, com o título de *Histoire de M. Vieux Bois*. Este livro apresentou as suas narrativas com as ilustrações e as legendas dos painéis, e é considerado a primeira história em quadrinhos europeia. Além disso, seu livro foi traduzido para inglês e publicado nos Estados Unidos em 1942, se tornando também a primeira história em quadrinhos publicada nos Estados Unidos (COLLINS, 2017)

Figura 6 - Histoire de M. Vieux Bois de Rodolphe Töpffer (1799 –1846)

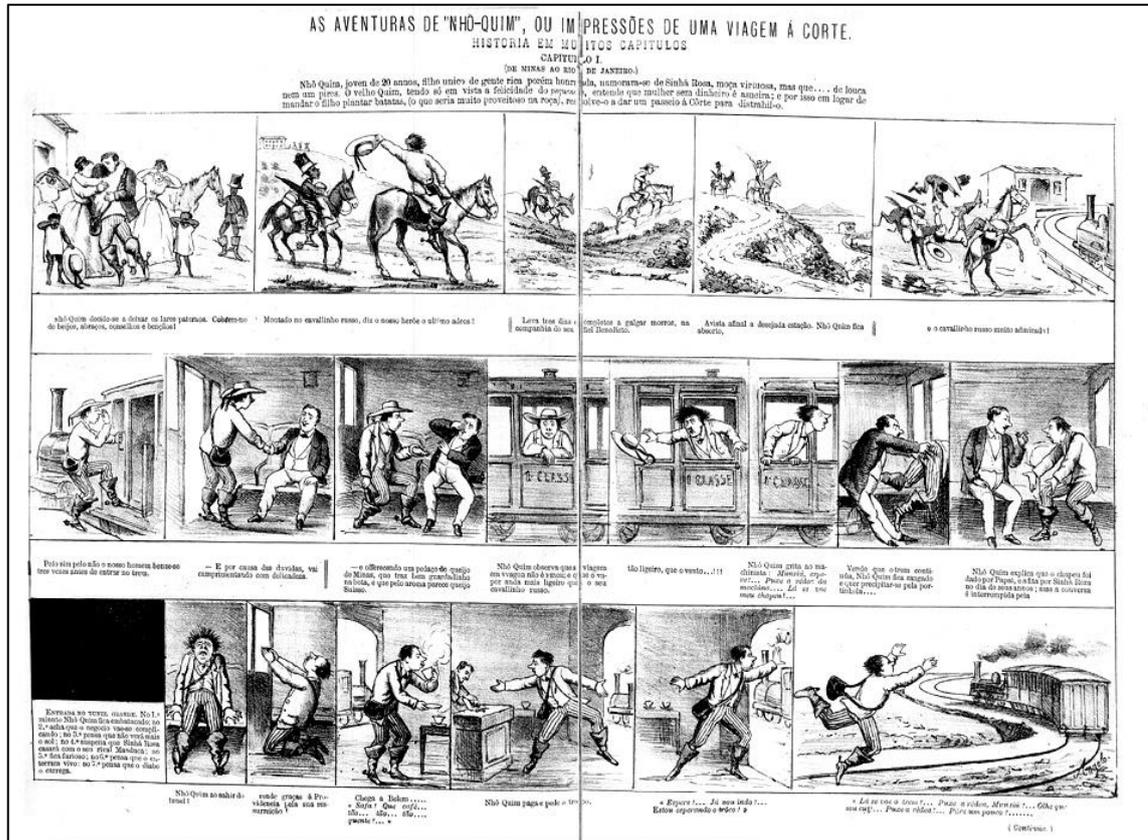


Fonte: <https://comicsalliance.com/tribute-rodolphe-topffer/>

Töpffer é considerado um dos pais das histórias em quadrinhos pela sua influência para as publicações histórias em quadrinhos dos Estados Unidos e da Europa. Ao seu lado, também considerados um dos pais das histórias em quadrinhos está Angelo Agostini (1843 –1910), que também reproduzia publicações muito parecidas

com as histórias em quadrinhos atuais, como na obra *As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*, de 1869. (Figura 7).

Figura 7 - As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte



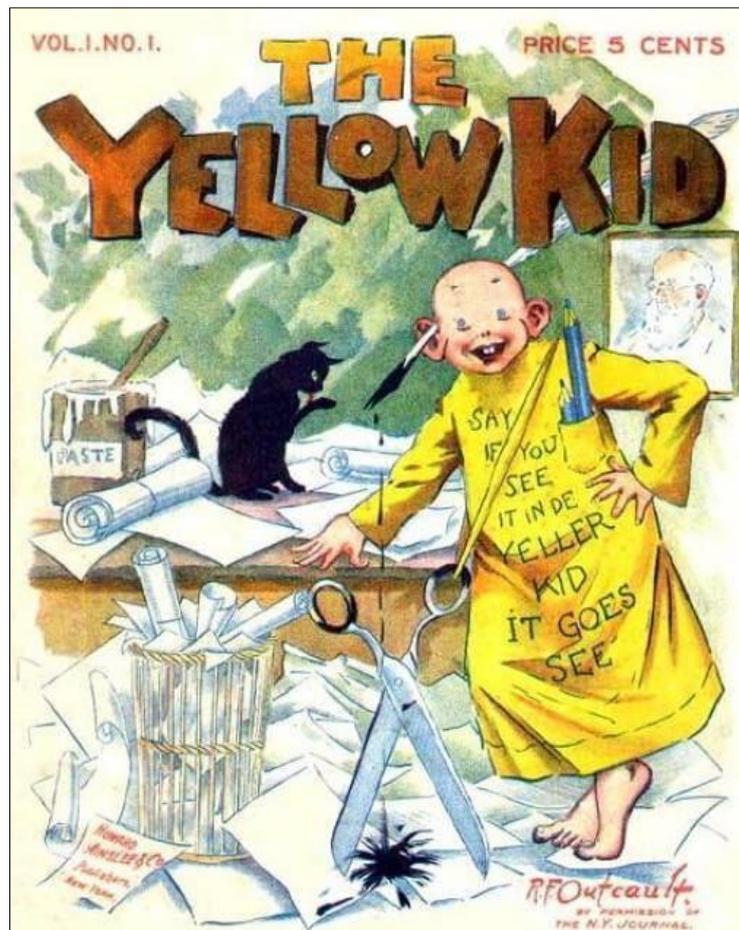
Fonte: <https://nacao.net/2006/01/30/as-aventura-de-nho-quim-ou-impressoes-de-uma-viagem-a-corte/>

É consenso entre os especialistas em quadrinhos que tanto Töpffer quanto Agostini já produziam histórias em quadrinhos naquela época, embora elas sejam um pouco diferentes, o que se constata nessas ilustrações dos autores é que essencialmente aquilo eram histórias em quadrinhos.

Posteriormente, nos Estados Unidos, Joseph Pulitzer (1847 - 1911) daria o pontapé inicial para o início das histórias em quadrinhos modernas. Com o seu jornal *New York World*, Pulitzer buscando chamar a atenção dos leitores publicando “manchetes enormes, artigos sensacionalistas, seções esportivas e numerosas ilustrações” (LUCCHETTI, 2001). Foi então que Pulitzer contratou Richard Outcault (1863 - 1928) para ser o ilustrador do jornal.

Outcault formou em artes pela McMicken University e passou a fazer ilustrações e charges para revistas e jornais. Quando foi contratado por Pulitzer, Outcault criou o suplemento Down Hogan's Alley, que apresentava painéis semanais que enchiam uma página do jornal New York World. Lucchetti (2001) aponta que os painéis do New York World foram de grande importância para as histórias em quadrinhos, “pois deu origem àquela que muitos historiadores e pesquisadores dos quadrinhos consideram a primeira história em quadrinhos do mundo: O Menino Amarelo (The Yellow Kid, no original)”. (Figura 8).

Figura 8 - Primeira publicação de O Menino Amarelo, em 1895



Fonte: <https://alchetron.com/The-Yellow-Kid>

Publicado pela primeira vez no dia 5 de maio de 1895 em dois painéis, um em cores e outro em preto e branco, o Menino Amarelo se tornou a principal atração do jornal de Pulitzer em poucas semanas. O Menino Amarelo era uma série de tirinhas apresentando uma espécie de bebê envelhecido que vestia uma camiseta bastante longa parecendo um vestido amarelo. Na sua vestimenta apareciam palavras que,

provavelmente, significavam o que ele falava ou pensava como se fosse um balão de texto. O Menino Amarelo se tornou inspiração para as artes cômica seguintes, ou *comic art* em inglês, razão pela qual história em quadrinho em inglês significa *comics*.

Vergueiro (2003) comenta sobre o fator cômico que originou as histórias em quadrinhos e se tornou presente nas nomenclaturas das histórias em quadrinhos norte-americanas.

Como, em sua maioria, exploravam temáticas cômicas, as histórias em quadrinhos publicadas na terra do Tio Sam receberam, em virtude disso, a denominação de *funnies* ou *comics* - e, posteriormente, *comic strips* e *comic books* -, nome pelo qual ainda são hoje internacionalmente conhecidas. Durante muito tempo, essa denominação representou fielmente a principal característica temática dos quadrinhos; atualmente, no entanto, ela já se evidencia como uma verdadeira incongruência, quando se consideram as mais diversas temáticas e os diferentes gêneros que os quadrinhos passaram a enfatizar.

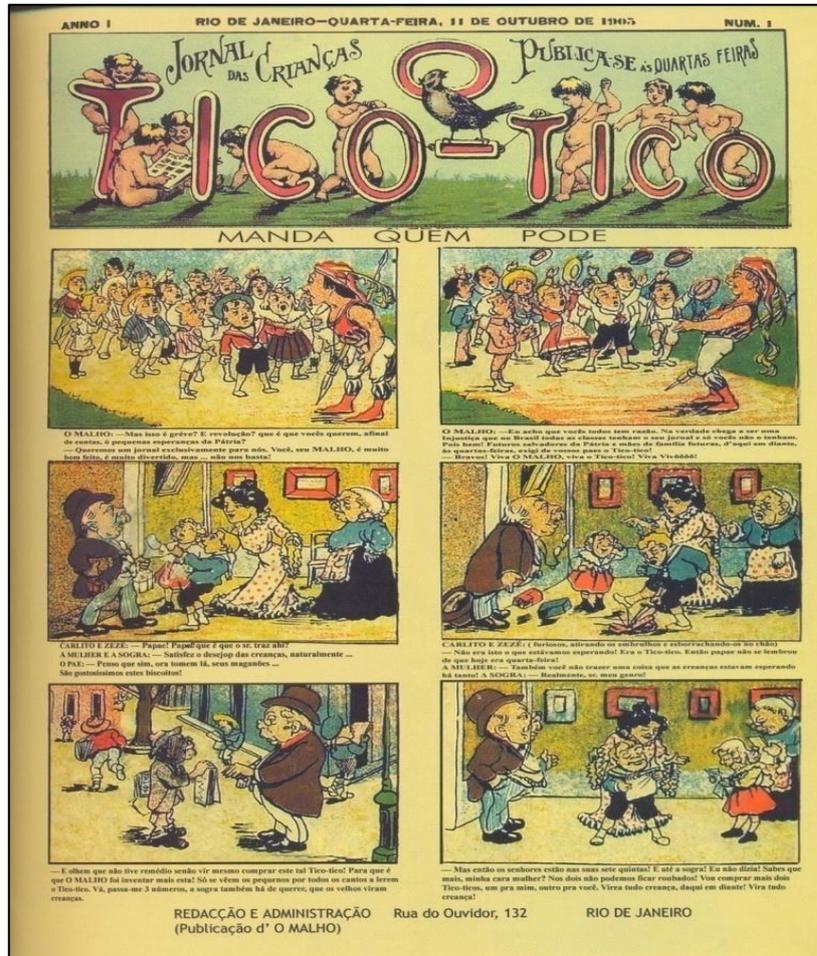
No início, as histórias em quadrinhos sempre eram engraçadas, por isso eram rotuladas *comics*, que significa cômicos em inglês, mas os quadrinhos assumem muitas outras formas de serem chamados ao redor do mundo, como o mangá em japonês e *fumetti* (que significa sopro de fumaça, em referência ao formato do balão usado) em italiano.

No Brasil as histórias em quadrinhos também são chamadas de *gibi*, às vezes abreviada como *HQ*, ou simplesmente quadrinhos. Elas tiveram início no Brasil pela revista *Tico-Tico*, em 11 de outubro de 1905, que foi criada pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva. De acordo com Biblioteca Nacional, em 1906, *O Tico-Tico* alcançou sucesso nacional de vendas, chegando à impressionante tiragem de 100.000 exemplares por semana. Nas suas páginas havia “passatempos, mapas educativos, literatura juvenil e informações sobre história, ciência, artes, geografia e civismo”, além de fotografias, desenhos dos leitores, enigmas e concursos (BIBLIOTECA NACIONAL, 2018).

Entre todas essas variedades que podiam ser encontradas nas páginas da revista, a publicação de histórias em quadrinhos o grande diferencial. A publicação era feita com “dois tipos de papel, quatro páginas coloridas e as demais em branco com verde, vermelho e azul, inovações gráficas e visuais, abriu espaço para novos autores, ilustradores e desenhistas” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2018).

Entre os artistas colaboradores brasileiros da revista O Tico-Tico estava nada menos que Ângelo Agostini, um dos pais das histórias em quadrinhos, contribuindo com seus trabalhos artísticos nos dois primeiros anos da revista. (Figura 9).

Figura 9 - Página do primeiro fascículo da revista O Tico-Tico



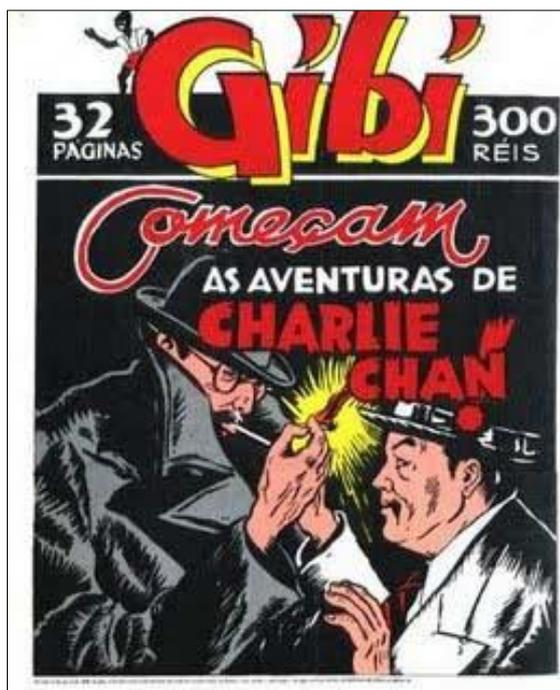
Fonte: <https://nanquim.com.br/o-tico-tico/>

Em meados da década de 1930, O Tico-Tico começou a publicar histórias de personagens norte-americanos, tais como O Marinheiro Popeye, O Gato Félix e a mascote da Disney, o rato Mickey Mouse, e logo eles se tornaram uma grande febre entre as crianças e os adolescentes. Porém O Tico-Tico estava deixando de ser a principal referência em publicações para o público infantojuvenil, pois na década de 1930 os jornais começaram a publicar suplementos infantis contendo histórias em quadrinhos buscando alavancar as vendas. Entre os jornais que obtiveram destaque estão A Nação e O Globo que haviam entrado na briga do mercado de histórias em quadrinhos (GIBIOSFERA, 2010).

Depois de 1939 até os anos 1950, a publicação de quadrinhos norte-americanos no Brasil se intensificou, principalmente com a chegada do personagem Superman. Deste modo, estava se estabelecendo um quadro de grande concorrência entre as editoras visando alcançar o público infantojuvenil, e a principal briga entre Gibi e Mirim.

O gibi não exatamente um estilo de história em quadrinho, mas atualmente é sinônimo de histórias em quadrinhos. O gibi surgiu como um nome de revista de histórias em quadrinhos, criada em 1939 no Rio de Janeiro pela editora O Globo, de Roberto Marinho, como forma de competir com outra revista que estava no mercado, a Mirim, criada em 1937 por Adolfo Aizen, que em 1945 fundou a Editora Brasil-América Limitada, a famosa EBAL. A palavra gibi era uma gíria da década de 1930 que significava menino ou moleque, e também era usada para se referir aos meninos que vendiam jornais nas ruas. Navega (2019) afirma que se a palavra gibi é sinônimo para revistas em quadrinhos ou histórias em quadrinhos, a razão é a publicação da revista lançada em 12 de abril de 1939, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, chamando a atenção por ser um novo título nas bancas, em formato meio tablóide, com 32 páginas e custando 300 réis. (Figura 10).

Figura 10 - Capa da primeira publicação da revista Gibi, em 1939



Fonte: <http://www.gibiosfera.com.br/>

A publicação da revista Gibi consolidou o mercado de histórias em quadrinhos no Brasil, “numa época sem internet, jogos eletrônicos ou ao menos TV em cores, as HQs funcionavam como uma saudável fuga da realidade para o público infanto-juvenil”. (NAVEGA, 2019). O autor destaca que

O “Gibi” não era a única publicação do gênero disponível nas bancas naquela época. Fazia companhia ao “Globo Juvenil”, também de Roberto Marinho, e ambos concorriam, respectivamente, com a “Mirim” e o “Suplemento Juvenil”, de Adolfo Aizen. A disputa do mercado de quadrinhos era acirrada, e quem ganhava com a profusão de títulos era o leitor.

No entanto, foi o nome Gibi que ficou marcado como um segundo nome para se referir às histórias em quadrinhos. Ainda em 1939, por meio de um contrato de exclusividade com a *King Features Syndicate*, responsável por títulos como Popeye, O Recruta Zero, Flash Gordon e outros, o Gibi começou a publicar as histórias em quadrinhos que antes eram publicadas pela concorrente. Deste modo, o Gibi passou a circular com maior periodicidade nas bancas e a publicar edições especiais com histórias completas, além de publicações feitas exclusivamente para um único personagem, algo inovador para a época.

Nos Estados Unidos após o período de “O Menino Amarelo”, surgiram novas histórias e novos personagens, numa crescente produção de histórias em quadrinhos. A comicidade ainda estava presente nas histórias, sendo bastante comum de serem, mas já havia uma pequena variação de temas de histórias no final do século XIX, onde universos ficcionais surgiam e personagens infantis e em forma de animais antropomorfizados ganhavam vida nas páginas dos suplementos (VERGUEIRO, 2003).

Deste modo, “os primeiros passos para a constituição das histórias em quadrinhos infantis protagonizadas por crianças (kid strips) e dos quadrinhos ambientados no mundo dos animais antropomorfizados (animal strips)” davam os primeiros passos. Outros gêneros de histórias em quadrinhos continuavam a surgir, os autores estavam inspirados, com muita criatividade, com várias ideias, e sua distribuição era massiva graças aos *Syndicates*, “grandes organizações voltadas para a distribuição internacional de histórias em quadrinhos” (VERGUEIRO, 2003).

Os *Syndicates* foram os responsáveis pelo surgimento de histórias em quadrinhos com temáticas diversificadas, pois com sua distribuição em massa, os

autores podiam se dedicar exclusivamente aos trabalhos de produção de histórias em quadrinhos. Deste modo, Vergueiro (2003) aponta as novas temáticas que começaram a surgir nos Estados Unidos.

[...] temáticas familiares (family strips) e protagonizados por representantes do sexo feminino (asgirl strips), que, de uma certa forma, buscavam fundamentar o sonho americano de uma vida feliz e saudável, uma proposta que foi depois catártica e emocionalmente complementada pelas histórias em quadrinhos de aventuras (adventure strips) e pelos super-heróis dos quadrinhos (superheroes comics).

As histórias em quadrinhos de aventura e de super-heróis tiveram origem em momentos difíceis da história, pois foi no período da Grande Depressão, na década de 1930, que elas surgiram, e logo em seguida aconteceria a Segunda Guerra Mundial. Foram justamente tais acontecimentos que fizeram com que as histórias em quadrinhos seguissem para outra direção, e o surgimento de novos temas para as histórias era reflexo do atual momento que o mundo vivia.

História de ficção científica, como Flash Gordon, criado por Alex Raymond (1909 - 1956); histórias de detetives, como Dick Tracy, criado por Chester Gould (1900 - 1985) e aventuras na selva, como as adaptações de Tarzan por Harold Rudolf Foster (1892 - 1982) foram um refúgio para os leitores que precisavam de uma válvula de escape para fugir da dura realidade (KAPADIA, 2002). Em 1939, Joe Shuster (1914 - 1992) e Jerry Siegel (1914 - 1996) criaram o primeiro super-herói das histórias em quadrinhos, chamado de Superman, mas acabaram vendendo os direitos do personagem para a DC Comics, onde se tornaria o super-herói mais popular das histórias em quadrinhos.

Na década de 1940 as histórias em quadrinhos começaram a ser publicadas em formato de revista, no auge dos super-heróis. Estima-se que entre 1940 e 1945 cerca de 400 super-heróis foram criados. Em 1941, em meio a tantos heróis que estavam surgindo, nasceu o personagem Archie com estilo bastante cartunesco, nada em comum com os super-heróis. Archie começou a ser publicado nas últimas páginas da revista Pep Comics e logo se tornou a principal atração da revista, mantendo o sucesso até os dias atuais.

Na década de 1950 começou a haver perseguições às histórias em quadrinhos, sendo acusadas, principalmente, de má influência por corromper os

jovens. Algo que ainda acontece atualmente, mas com uma frequência muito menor do que nos anos 1950. Porém, mesmo com essas dificuldades as histórias em quadrinhos continuaram a se desenvolver, e uma nova história surgia nas páginas dos jornais dos Estados Unidos em tirinhas diárias, chamada de Peanuts.

Criada por Charles Schultz, em outubro de 1950, as tirinhas de Peanuts apresentavam histórias repletas de humor, inteligência e sarcasmo, tendo entre um de seus personagens, um dos mais queridos no mundo inteiro, o cãozinho Snoopy. Schultz iniciara a “era intelectual dos quadrinhos, com obras que eram mais do que humorísticas, elas encorajavam os leitores a pensar” (KAPADIA, 2002). No final da década de 1950 surgiu na França tirinhas que em pouco tempo conquistaram leitores em muitos países, com o nome de Asterix. As histórias de Asterix foram criadas por Rene Goscinny (1926 – 1977) e Albert Uderzo (1927 - 2020), e combinavam história antiga, humor e paródia, num universo rico embora sendo retratado o período do império romano. Asterix estreou na revista Pilote Magazine em 1959 e até hoje é publicado em inúmeros países.

A década de 1960 foi de grande ascensão dos temas de super-heróis, porque depois da perseguição das histórias em quadrinhos na década anterior, a DC Comics voltou a publicar seus super-heróis, que além do Superman, também tinha entre os seus principais personagens o Batman, a Mulher Maravilha, o Flash e o Lanterna Verde, todos com enorme sucesso, reconhecidos mundialmente, além das histórias com todos os seus super-heróis reunidos na Liga da Justiça.

A *Marvel Comics* percebeu o sucesso que a Liga da Justiça estava fazendo e decidiu lançar seu grupo de super-heróis também, buscando criar uma equipe como a Liga da Justiça, surgindo em 1961 o Quarteto Fantástico, uma das histórias em quadrinhos de maior sucesso na década de 1960, tanto que começou a ofuscar a popularidade da Liga da Justiça. O diferencial da *Marvel Comics* foi que seus super-heróis eram humanizados, não eram seres perfeitos, eles tinham defeitos como as pessoas normais, enfrentavam problemas na vida pessoal, como todas as outras pessoas, feitos com tais características para equilibrar com seus super poderes. Outro fator que a diferencia da DC Comics é que os poderes de seus super-heróis possuem explicação científica com exceção para os mutantes da série X-Men, já que a proposta da série é fazer uma crítica social.

As décadas de 1970, 1980 e 1990 produziram histórias mais sérias com temas mais voltados para adultos, deixando de lado o tom bobo dos super-heróis da década de 1960, inclusive histórias abordando o uso de drogas, mas novas tirinhas cômicas também estavam surgindo inspiradas no Snoopy de Schultz. Personagens que se tornaram muito queridos pelos leitores com suas histórias inteligentes foram Garfield, em 1978, de Jim Davis, apresentando o gato preguiçoso e amante da lasanha; e Calvin e Haroldo, em 1985, de Bill Watterson, com as aventuras de um menino e seu tigre de pelúcia que ganha vida com a sua imaginação.

Kapadia (2002) destaca que as *graphic novels*, histórias em quadrinhos longas como romances literários, estavam surgindo em meados de 1970, mas estilo contar histórias sequenciais ainda não tinha um nome definido, alguns já chamavam de *graphic novels*, porém, em 1978, quando é publicada a obra Um Contrato com Deus, do aclamado autor de histórias em quadrinhos Will Eisner (1917 - 2005), o termo *graphic novel* é utilizado por Eisner e ganha força a partir disso. Com esta *graphic novel* “os quadrinhos tomam uma nova direção significativa usando imagens para contar histórias, e tratando de temas adultos e polêmicos” (KAPADIA, 2002).

Muitas outras *graphic novels* seguiram temáticas parecidas com as Eisner, inclusive os super-heróis, como Batman em O Cavaleiro das Trevas e Watchmen, ambas listados entre as melhores histórias em quadrinhos de todos os tempos. Em 1992, a *graphic novel* Maus, de Art Spiegelman, recebeu uma premiação especial Pulitzer Prize, premiação que honra a excelência no jornalismo, na literatura, no teatro e na música desde 1917. O prêmio foi criado a pedido de Joseph Pulitzer, aquele que anos atrás foi o responsável pela publicação das primeiras histórias em quadrinhos com O Menino Amarelo.

O desenvolvimento das histórias em quadrinhos continua crescendo e se diversificando, se tornando bastante popular atualmente as *webcomics*, com histórias em quadrinhos veiculadas na web, podendo ser acessadas de qualquer lugar com acesso à internet, inclusive com aplicativos para celular. Pode-se perceber que as histórias em quadrinhos estão em sempre se adaptando às mudanças que o mundo sofre, e que com o passar dos anos estão se tornando cada vez mais respeitadas.

6 METODOLOGIA DO ESTUDO

O termo “pesquisa”, segundo o dicionário Aurélio, significa “investigação e estudo, minuciosos e sistemáticos, com o fim de descobrir fatos relativos a um campo do conhecimento”. (AURÉLIO, 2004). Gil (2007 *apud* Silveira e Córdova, 2009, p. 12) define pesquisa como “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Ao pesquisar, se procura por uma resposta para descobrir alguma coisa.

Esta seção apresenta os procedimentos utilizados para a realização da pesquisa, bem como as escolhas feitas para a delimitação do estudo e os demais aspectos que dão forma a esta pesquisa.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, pois “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” visto que se trata de um estudo que busca informações que não podem ser medidas, não podem ser descritas com números, mas sim com respostas de indivíduos dentro de uma situação específica (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

A natureza da pesquisa é básica e busca gerar informações para o avanço dos estudos relacionados ao tema. O método de pesquisa é o estudo de caso, que acabou adquirindo esta forma de metodologia na medida em que o estudo foi sendo delimitado. Deste modo, esta pesquisa pode ser classificada como descritiva, porque para a sua realização o investigador deverá apresentar informações detalhadas sobre o estudo, descrevendo os fatos e os fenômenos que estão inseridos no estudo (TRIVIÑOS, 1987).

No estudo de caso, é preciso estar atento para novos elementos que podem surgir ao longo do trabalho e para que a compreensão de um problema possa ser realizada, “as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica, onde ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

O desenvolvimento do estudo foi realizado em algumas etapas. Estas etapas foram as seguintes:

a) **Primeira fase:** esta etapa envolveu o projeto de pesquisa, a definição do tema, e posteriormente a delimitação do tema e as pesquisas nas bases de dados, para encontrar respostas para o problema.

b) **Segunda fase:** esta etapa evoluiu a coleta de dados, que inicialmente seriam textos que abordavam o problema da pesquisa, mas algumas mudanças foram acontecendo e sendo modificadas, até que buscou-se por trabalhar com um estudo caso analisando duas pesquisas realizadas em escolas abordando as histórias em quadrinhos como incentivo à leitura.

c) **Terceira fase:** esta etapa envolveu a descrição dos dados presentes nas pesquisas publicadas nos dois artigos analisados. Os dois artigos foram selecionados, pois buscou-se por artigos que tratassem de temas envolvendo incentivo e leitura através de histórias em quadrinhos.

7 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA

Por muito tempo as histórias em quadrinhos foram vistas como uma arte menor, como um entretenimento bobo, de pouca qualidade ou como um conteúdo destinado apenas para crianças. Elas também já foram consideradas como má influência para as crianças e os adolescentes, chegando, inclusive, a serem proibidas de serem lidas em salas de aula. Hoje já é possível ver a utilização de histórias em quadrinhos nas escolas como instrumento de incentivo à leitura, como recomendação de leitura e como forma de tornar agradável o aprendizado.

Como as histórias em quadrinhos são uma forma de arte e narrativa que reproduzem uma história através de ilustrações dentro de pequenos quadros dispostos de forma sequencial, elas acabam se tornando chamativas, instigam quando são visualizadas. Na maioria das vezes apresentam texto, mas como não necessitam obrigatoriamente de texto elas podem ser um entretenimento para quem não domina a leitura ou não tem o gosto pela leitura.

Em algumas situações as ilustrações se mostram mais importantes do que os textos, em outras o texto acaba se tornando mais importante para a narrativa. Embora elas atualmente sejam bastante populares entre diferentes faixas etárias, houve um tempo que elas consideradas um produto para crianças, e mesmo recebendo esse rótulo, tanto no Brasil como em muitos outros países, as histórias em quadrinhos eram consideradas “materiais de segunda ou terceira categoria por parcelas influentes da sociedade” (VERGUEIRO, 2003).

Após passarem por enormes dificuldades, as histórias em quadrinhos conseguiram encontrar a redenção, passando a ganhar bastante notoriedade de intelectuais influentes, ganhando espaços nas universidades para realizações de pesquisas científicas e chegando às escolas como forma de ferramenta de auxílio para práticas educativas. Esse processo levou tempo, mas ainda não se consolidou, há um pouco de desconfiança por parte de alguns pais e profissionais da educação. Porém o cenário é bastante favorável, pois elas podem ser trabalhadas no ensino, atuando em qualquer disciplina, sua capacidade como ferramenta interdisciplinar é ilimitada, podendo ser adaptada a qualquer método de aplicação educativa.

Vergueiro (2015) aponta que existem muitas maneiras de fazer com que as histórias em quadrinhos sejam utilizadas como recurso de aprendizagem, podendo ser utilizadas para ensinar os conteúdos com os quais elas tenham relação, como a disciplina de história, onde podem ser trabalhadas histórias que abordem algum momento histórico, ou história com conteúdo científico.

Hoje em dia, é cada vez mais importante que os alunos aprendam a ler as mensagens gráficas, pois grande parte da informação que chega até eles vem por meio dessas linguagens, sejam histórias em quadrinhos, cartuns, charges, propaganda etc. Assim, toda e qualquer aplicação dos quadrinhos em sala de aula é um passo a mais para o domínio dessas linguagens (VERGUEIRO, 2015).

Tudo depende do professor, se ele tiver o conhecimento das histórias em quadrinhos, se souber como trabalhar a linguagem delas e aliar isso à criatividade, poderá realizar um interessante trabalho de ensino e conseqüentemente alcançará bons resultados no aprendizado dos alunos. As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas em todas as áreas devido a sua interdisciplinaridade, e executadas como ferramenta pedagógica em vários níveis de ensino, não existem limites para sua utilização (VERGUEIRO, 2015). Deste modo, o autor enfatiza a importância dos professores em aproximar as histórias em quadrinhos dos alunos explicando como isso pode ser feito.

Isso pode ser feito por meio da presença dos quadrinhos na sala de aula, sala de leitura ou biblioteca da escola, junto com os livros que ficam disponíveis para leitura dos alunos. Eles devem ser incentivados a ler os quadrinhos e os professores precisam conversar com eles abertamente sobre o que leram, da mesma forma como o fazem com os livros. Isso gera uma atmosfera de familiaridade em torno dos quadrinhos. A partir daí, os professores podem fazer exercícios de leitura de quadrinhos.

A utilização das histórias em quadrinhos como recurso didático é uma ótima forma de estimular a leitura, pois sua estrutura facilita sua utilização para esta finalidade, apresentando texto e imagem na narrativa, tornando simplificada a leitura realizada pelas crianças e os adolescentes. É importante que os professores dêem apoio aos alunos observando os níveis de leitura de cada aluno e que compreendam as dificuldades de cada um. É fundamental que os professores busquem incentivar seus alunos incessantemente, mas sem impor, sem passar a impressão obrigatoriedade, procurando instigar o aluno a querer ler determinada obra.

Segundo Ramos (2009) quando as histórias em quadrinhos eram desprestigiadas pela comunidade escolar, foi preciso que surgisse alguma ajuda para mudar o cenário, e foi através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), das provas de vestibular, do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), e do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que as histórias em quadrinhos puderam ser inseridas no ensino de modo geral e no ambiente escolar, ou seja, com incentivos governamentais as histórias em quadrinhos passaram a receber maior importância no Brasil, a ponto de serem relacionadas à educação.

Na década de 1980 começou a aparecer em alguns livros didáticos, exercícios com tirinhas, charges e cartum, e a partir deste ponto da história, percebeu-se que as histórias em quadrinhos possuíam um bom relacionamento com a educação. Utilizar as histórias em quadrinhos com uma abordagem pedagógica foi o primeiro passo para inseri-las nas práticas de ensino. Porém, foi somente em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que as histórias em quadrinhos começaram a ser aceitas como uma ferramenta pedagógica capaz de contribuir para o ensino (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

Um dos pontos mais importantes da LDB é a menção sobre a “a importância da aprendizagem de linguagens contemporâneas e diversificadas para a formação do educando nos ensinos fundamental e médio” (FERREIRA, 2015). Essa menção de textos abriu as portas para as histórias em quadrinhos serem utilizadas na no ensino escolar.

De acordo com Ferreira (2015), “as histórias em quadrinhos se tornaram um gênero obrigatório para ser trabalhado com os alunos em diferentes disciplinas” em 1997, com a elaboração dos PCN. Desta maneira, pode-se perceber a evolução do reconhecimento que histórias em quadrinhos tiveram ao longo dos anos. Inclusive nos PCN de 1998, as histórias em quadrinhos são relacionadas com a língua portuguesa e com a disciplina de artes para o ensino fundamental. Vergueiro e Ramos (2009) destacam para a importância que o documento possui para a inclusão das histórias em quadrinhos e das charges no ensino como forma incentivar à leitura e o aprendizado.

As escolas agora possuem atividades de ensino voltadas para atividades com histórias em quadrinhos, ainda não são muitas, mas a recepção das atividades está ganhando críticas positivas e está se expandindo pelo país.

Em um artigo publicado na revista “Eventos Pedagógicos” em 2011, cujo título é “*O Incentivo da Leitura por meio de Histórias em Quadrinhos*”, foi realizada uma pesquisa em uma escola onde se analisou se ocorre o incentivo à leitura por meio de histórias em quadrinhos no espaço escolar, se ocorre, de que maneira ocorre e como acontece a formação de alunos leitores.

O artigo é de autoria de Claudinéia Pereira Canguçu, graduada em pedagogia pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) e de Lenita Maria Korbes, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Básica Armando Dias, no estado do Mato Grosso. A pesquisa foi desenvolvida com a aplicação de um questionário aberto para duas professoras e outro fechado e aberto para quatro alunos do quarto ano do Ensino Fundamental, sendo dois alunos de cada turma em que as duas professoras ministram as suas aulas.

As duas professoras que responderam ao questionário são formadas em pedagogia e serão identificadas como professora A e professora B. A opção por escolher crianças do quarto ano do Ensino Fundamental foi, segundo as autoras, por se tratar de crianças que já estão alfabetizadas e no começo da formação como futuros leitores. Deste modo, as autoras consideraram ser a etapa mais importante para despertar o interesse pela leitura.

O questionário aplicado com as professoras apresentou as seguintes perguntas: a) De que maneira as crianças são incentivadas a ler?, b) Quais as técnicas e ou ferramentas para proporcionar às crianças o hábito da leitura?, c) Você acredita que o uso de histórias em quadrinhos pode proporcionar um incentivo a leitura?, d) Você utiliza em algum momento histórias em quadrinhos em sua prática educacional? Qual momento?

A seguir serão apresentadas as respostas das duas professoras da mesma maneira como foram publicadas no artigo.

Para a questão um (1) a professora A respondeu: o primeiro passo o professor precisa gostar de ler e através disso fazer boas leituras para os alunos. Segundo passo é necessário ter uma biblioteca com livros diversos, e o próprio município precisa disponibilizar uma boa biblioteca pública como em outros países do mundo.

Para a questão um (1) a professora B respondeu: acredito que todas as maneiras são válidas para o incentivo à leitura. A princípio a criança precisa se interessar pela leitura, por isso textos com imagens ilustrativas, para instigarmos a imaginação, a criatividade da criança.

Para a questão dois (2) a professora A respondeu: é mostrar a eles a importância do hábito de ler o que isso proporciona no desenvolvimento intelectual dos estudantes não existe uma técnica só para estimular a leitura, mas um conjunto de ações da escola, professor e dos poderes públicos.

Para a questão dois (2) a professora B respondeu: incentivo por parte dos pais, pois quando uma criança vê a mãe o pai lendo, a criança também terá o hábito à leitura. E como professora acredito na prática de leitura com textos criativos, divertidos, criativos, aos poucos a criança adquire o hábito de leitura.

Para a questão três (3) a professora A respondeu: contar história na oralidade é o primeiro passo, para desenvolver a leitura, porém a escrita e o meio que não se apaga nunca, histórias em quadrinhos tem uma forma diferente na escrita, mas o resultado é o mesmo e são ferramentas muito boas.

Para a questão três (3) a professora B respondeu: com certeza, os gêneros textuais são muito importantes para o incentivo à leitura, em especial as histórias em quadrinhos, por serem textos curtos e de fácil entendimento por parte das crianças, ou seja, as histórias em quadrinhos pode e deve ser um ótimo incentivo à leitura, pois ela instiga a imaginação e a criatividade.

Para a questão quatro (4) a professora A respondeu: sim, para leitura, e também para atividades diárias na sala de aula.

Para a questão quatro (4) a professora B respondeu: trabalho com as histórias em quadrinhos, em vários momentos, seja nas aulas de prática de leitura, na produção de texto, quando trabalho com histórias em quadrinhos, a aula torna-se mais produtiva, divertida, criativa etc.

O questionário aplicado com os alunos conteve as seguintes perguntas: a) Você gosta de ler?; b) O que você prefere ler? (com as opções jornal, revista, histórias em quadrinhos, livros e internet); c) Você já leu histórias em quadrinhos? (com as opções sim ou não); d) Se já fez leitura de histórias em quadrinhos, o que mais lhe chamou a atenção?

Para a primeira pergunta dois alunos responderam que sim, gostam de ler, e dois responderam que gostam de ler às vezes. Para a segunda questão os quatro alunos responderam que preferem ler histórias em quadrinhos. Para a terceira pergunta todos responderam que sim, já leram histórias em quadrinhos. Para a quarta pergunta os alunos responderam que o mais chamou a sua atenção nas histórias em quadrinhos foram os desenhos, as histórias, e que elas são muito engraçadas e divertidas.

Muitas crianças e adolescentes quando entram em sala de aula chegam sem vontade de estudar, sem foco para as explicações do professor. Cabe ao professor tornar o ensino mais atrativo, tornar as aulas mais interessantes, fazendo despertar o interesse pela leitura e pelos conteúdos ensinados em sala de aulas tanto de ciências humanas como de ciências exatas.

Em outro artigo, publicado na revista *Entrepalavras* em 2013, foi apresentada uma pesquisa realizada em três escolas da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, em que se buscou mostrar como e por que as histórias em quadrinhos constituem uma boa maneira de fazer as crianças se interessarem pela leitura. O título do artigo é *“As histórias em quadrinhos no incentivo à leitura nas crianças: a realidade em algumas escolas de Fortaleza”*, e a pesquisa é de autoria de Márcia Antônia Dias Catunda, então graduanda em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), quando publicou o artigo.

A pesquisa foi realizada com a ajuda de coordenadoras pedagógicas e professoras das três escolas: a Creche Escola Luiza Martins, a Creche Escola Aprendendo a Crescer e o Colégio Master.

Observou-se o quanto as crianças gostavam das atividades feitas com as histórias em quadrinhos, sendo um dos momentos mais esperados pelos alunos, pois para eles era prazeroso e divertido, sendo praticamente como se fosse uma brincadeira.

Para obter os dados para a pesquisa, Catunda utilizou um questionário com cinco perguntas. Elas foram respondidas pelas coordenadoras pedagógicas e pelas professoras. As seguintes perguntas foram feitas: 1) Faz-se uso de gibis? 2) Qual a frequência da realização de trabalhos com gibis por semana? 3) Qual a faixa etária

das crianças que vocês trabalham com quadrinhos? 4) Quais gibis são utilizados? 5) Qual a importância dos quadrinhos no incentivo à leitura infantil?

Além da aplicação do questionário, Catunda também visitou as escolas para poder compreender como era o ambiente onde se realizavam as atividades com as crianças utilizando as histórias em quadrinhos. O que ela encontrou nas visitas que realizou foi um ambiente com muitos livros e revistas com histórias em quadrinhos, alguns da escola e outros das próprias crianças.

Cada uma das três escolas possui suas próprias atividades com os alunos, entre essas atividades havia a de identificação de personagens das histórias, onde a professora mostrava a figura de algum personagem e as crianças deveriam dizer o nome desse personagem. Em outra atividade observada, foi realizada a criação de histórias a partir de histórias em quadrinhos já existentes, porém, sem os textos dos balões. Deste modo, as histórias em quadrinhos com balões vazios eram distribuídas para a turma, que deveria criar uma narrativa interpretando as figuras, “com o intuito de estimular a criatividade” (CATUNDA, 2013). Além disso, havia também a atividade realizada com provas de língua portuguesa e inglesa com histórias em quadrinhos para serem respondidas pelas crianças.

Na visita às escolas, Catunda conversou com algumas das crianças das escolas, e quando elas foram perguntadas se gostavam das atividades com histórias em quadrinhos, as respostas foram unânimes, todas responderam que “gostam bastante de estudar com o auxílio de revistas em quadrinhos” (CATUNDA, 2013).

A Creche Escola Luiza Martins atende alunos pelas faixas etárias de 3 a 8 anos, sua forma de trabalho com o uso de histórias em quadrinhos acontece duas vezes por semana, sendo utilizado somente as figuras com as crianças de 3 a 5 anos, já para as crianças de 6 a 8 anos, o texto é trabalhado junto com as figuras, e as crianças devem contar as histórias. A autora destaca que as professoras avaliam de forma positiva o uso das histórias em quadrinhos na escola, pois o incentivo à leitura é percebido, bem como o prazer pelas atividades, inclusive as crianças perguntam quando será o próximo dia de ler as histórias e esperam sempre ansiosamente pelo momento de realizar essas atividades.

A Creche Escola Aprendendo a Crescer atende alunos pelas faixas etárias de 7 a 10 anos, e o uso das histórias em quadrinhos acontece três vezes por semana.

A autora aponta que a professora de língua portuguesa da escola utiliza as histórias em quadrinhos para elaboração das provas também e observa que os alunos preferem ler as revistas com histórias em quadrinhos do que os livros paradidáticos. Para a professora essas atividades estimulam as crianças em vários aspectos como a adquirir o gosto pela leitura, a realizar atividades de desenho e a desenvolver a criatividade, além de estimular o interesse pela produção de textos.

O Colégio Master, uma escola particular que atende alunos de educação infantil, sendo crianças de 1 ano e 10 meses a 5 anos de idade, além alunos do ensino fundamental 1 e 2 e do ensino médio.

A relação do Colégio Master com as histórias em quadrinhos é um pouco diferente das outras duas escolas. No Colégio Master são montadas bancas de revistas onde as histórias em quadrinhos ficam expostas para que os alunos leiam quando quiserem. As revistas e os livros com as histórias em quadrinhos ficam sempre expostas para que os alunos possam ler a qualquer momento, e as mais procuradas são as da Turma da Mônica e as de aventura. Na escola existem salas para leitura destinadas especialmente para a leitura das histórias em quadrinhos.

Uma particularidade interessante da escola é que na sua lista de material escolar, as revistas e livros com histórias em quadrinhos são itens obrigatórios.

As atividades de leitura realizadas com histórias em quadrinhos consistem na leitura visual das histórias, a realização de desenhos e exercícios criando histórias, criando texto para os balões e fazendo reconhecimento de personagens. O contato com as histórias com os desenhos e a criação dos textos estimula a criatividade das crianças e incentiva à leitura.

8 RESULTADOS DO ESTUDO

A presença das histórias em quadrinhos nas escolas começou timidamente até conseguir aos poucos ganhar mais espaço, passando a ser uma ferramenta para auxiliar as atividades de leitura, de alfabetização e para o ensino.

Analisando as duas pesquisas realizadas em uma escola do Mato Grosso e em três escolas de Fortaleza, pode-se perceber que as histórias em quadrinhos possuem um grande potencial para serem material de estudo nas escolas, pois elas propiciam um ambiente mais leve para os estudos, fazem as aulas serem mais produtivas, e os alunos gostam das atividades com as histórias em quadrinhos.

Nos artigos observou-se a presença de uma grande variedade de material com histórias em quadrinhos nas escolas de Fortaleza, e nessas escolas havia salas de estudo onde era possível trabalhar com a criação de desenhos, trabalhos com texto criando os diálogos para as histórias e memorização. Em uma das escolas havia bancas de revistas com histórias em quadrinhos expostas para os alunos realizarem as leituras, sendo um método interessante de incentivo, agindo de forma indireta, pois quando o aluno colocar os olhos nas revistas expostas, aos poucos sentirá sendo alimentada a vontade e curiosidade de ler revistas exposta.

Nas escolas onde as pesquisas foram realizadas, a realização das atividades com os alunos teve grande êxito, e causou boas sensações e sentimentos às crianças, visto que elas gostaram bastante, sentindo-se contentes em aprender desta forma. Além de proporcionar um momento de lazer, as revistas e os livros com as histórias em quadrinhos ajudam a criança a desenvolver seu vocabulário e a adquirir o gosto pela leitura. Deste modo, as histórias em quadrinhos são excelentes aliados dos estudos em sala de aula, modificando o ambiente das aulas, passando a ser mais divertidas, dinâmicas e prazerosas.

Os diferentes gêneros textuais são muito importantes para o incentivo à leitura e para o ensino de outras disciplinas. As histórias em quadrinhos são um desses gêneros textuais, que apresentam algumas vezes textos curtos e de fácil entendimento, isto faz com que uso dessas histórias tenha um resultado positivo para o incentivo à leitura, tanto pelas figuras quanto pela facilidade de se realizar a leitura. A leitura de uma obra de Machado de Assis, por exemplo, geralmente se

mostra uma tarefa difícil de ser feita para as crianças e os adolescentes, mas as obras adaptadas para histórias em quadrinhos podem ser bem mais fáceis de realizar a leitura, abrindo a possibilidade de uma futura leitura da obra original de Machado de Assis, quando o leitor tiver adquirido o domínio da leitura.

“A escola passou, gradativamente, a utilizar os quadrinhos nas classes de alfabetização e, como advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, houve a orientação no sentido de uma prática pedagógica” (BONIFÁCIO, 2005, p. 24) estimulando à leitura, aos saberes e ao entendimento de disciplinas mais complicadas serem assimiladas pelos alunos (BONIFÁCIO, 2005).

Quando as histórias em quadrinhos puderam ser inseridas na educação brasileiras, havia a proposta de utilização de diferentes fontes de informações e recursos para os alunos adquirirem e construir conhecimentos, e também para contribuir como estímulo à leitura. Na verificação dos dois artigos analisados, constatou-se que as histórias em quadrinhos propiciam uma melhor assimilação dos conteúdos em sala de aula, e que o uso das histórias em quadrinhos de maneira criativa pode gerar inúmeros benefícios para os alunos e para o ensino no Brasil.

Com este estudo pode-se verificar que as histórias em quadrinhos possuem uma formidável capacidade ampliar o aprendizado de alunos sem deixar que o ensino fique enfadonho, fazendo com que as atividades na escola sejam tão prazerosas quanto brincar.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão deste estudo, pode-se observar que as atividades escolares se tornam mais agradáveis quando são realizadas usando histórias em quadrinhos como ferramenta, e este é um fator que abre o caminho para uma variedade de abordagens com conteúdos voltados para o ensino que podem ser trabalhados pelos professores, elevando o patamar das histórias em quadrinhos a um nível que em anos anteriores não se imaginava.

O reconhecimento das histórias em quadrinhos como um recurso didático nas práticas pedagógicas que passou a ser liberado depois da promulgação da LDB foi essencial para e que outras linguagens pudessem ser utilizadas no ensino, contribuindo para um aprendizado mais diversificado. A LDB e o PCN foram de grande importância para que as histórias em quadrinhos se tornassem um instrumento para as atividades de ensino nas escolas do Brasil.

Os diferentes gêneros de leitura são importantes de serem trabalhados em sala de aula, para que os alunos percebam as diferentes formas textuais e para que possam identificar algum gênero que gostem mais. Já as histórias em quadrinhos quando trabalhadas em sala de aula ganham um interesse é maior pelos alunos, pois as imagens chamam atenção do leitor, até mesmo quem não tiver o hábito de ler, e quem ainda não tiver gosto pela leitura, sentirá vontade ler os diálogos nos balões para descobrir o que acontece na história e porquê de determinada reação dos personagens foi aquela.

A leitura visual tem uma vantagem de ser mais lida, não tendo muito esforço para realizá-la. Logo, ao iniciar a leitura apenas visualizando as figuras, em seguida se buscará pela compreensão da história, e assim a leitura será realizada. Essa é uma das maneiras mais simples e divertidas em que as crianças são incentivadas a ler, pois os textos com imagens ilustrativas ajudam a instigar a imaginação e a criatividade da criança, além de proporcionar momentos de diversão.

REFERÊNCIAS

ARBACH, Jorge Mtanios Iskandar. **O Fato Gráfico: O Humor Gráfico Como Gênero Jornalístico**. São Paulo: USP/SP. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

AURÉLIO Buarque de Holanda Ferreira. **Miniaurélio Eletrônico**. 2004. 1 CD-ROM.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Acervo: O Tico-Tico A Mais Importante Revista Voltada Para o Público Infanto-juvenil no Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>> Acesso em: 15 set. 2021.

BONIFACIO, Selma de Fatima. **História E(M) Quadrinhos: Análises sobre a História Ensinada na Arte Sequencial**. 2005. 221 f. Dissertação do Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2005.

BRASIL. **Lei Nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras Providências. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. **Lei Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. **Lei Nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República.

BRASIL. **Lei Nº 13.696**, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, DF: Presidência da República.

CASTRO, Pedro Jorge. O Tesouro Português do Apocalipse. **Jornal Penacova Actual**, Coimbra, 12 Fev. 2015. Sábado, p. 78-79.

CATUNDA, Marcia Dias. **As Histórias em Quadrinhos no incentivo à Leitura nas Crianças: A Realidade em Algumas Escolas de Fortaleza**. Entrepalavras, [S.I.], v. 3, n. 1, p. 348-357, maio 2013. ISSN 2237-6321. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/147>>. Acesso em: 25 set. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.3.3.1.348-357>.

COLLINS, Elle. **Innovator of the Form: a Happy Birthday to Rudolphe Topffer**. 2017. Disponível em <<https://comicsalliance.com/tribute-rodolphe-topffer/>> Acesso em: 18 set. 2021.

COUTINHO, L. G. **Adolescência e Errância: Destinos do Laço Social Contemporâneo**. Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, 2009.

DESMURGET, Michel. **Geração Digital**: Por Que, Pela 1ª Vez, Filhos Têm QI Inferior ao dos Pais. BBC, 30 out. 2020. Disponível em:
< <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54736513>> Acesso em: 4 out. 2021.

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG. **Uma Breve História da Escrita**. Disponível em <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/>> Acesso em: 5 set. 2021.

FERREIRA, Rachel Monnier. A Inclusão das Histórias em Quadrinhos na Educação Brasileira, **Revista Traduzir-se**, v. 1, n. 1. 2015.

GIBIOSFERA. **Gibi**: você sabe qual a origem desta palavra? 2010. Disponível em: <<http://www.gibiosfera.com.br/blog/2010/02/gibi-origem-palavra/>> Acesso em: 10 set. 2021.

KAPADIA, Payal. **Language**: A Brief History of the Comic Strip. Japan Times, 2002. Disponível em: <<https://www.japantimes.co.jp/life/2002/03/22/language/a-brief-history-of-the-comic-strip/>> Acesso em: 16 set. 2021.

LUCHETTI, Marco Aurélio. O Menino Amarelo: O Nascimento das Histórias em Quadrinhos. **Revista Olhar**, São Carlos, SP, n. 5-6, jan.-dez. 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O Que É Leitura**: Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

MELO, Carolina. **Quadrinhos Visionários**: uma viagem ao inconsciente. Jornal UFG, 2018. Disponível em: <<https://jornal.ufg.br/n/111319-quadrinhos-visionarios-uma-viagem-ao-inconsciente>>. Acesso em: 13 set. 2021.

MENDONÇA, M. R. de S. Um Gênero Quadro a Quadro: história em quadrinhos. In: **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro, Lucerna: 2002.

MORAES, Bruna Rabello de; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. **Notas Sobre a História da Adolescência**. Estilos clin., São Paulo, v. 25, n. 2, p. 280-296, ago. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2021.

MORO, Eliane Lourdes da Silva. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem e Recursos da Web 2.0 em Contexto Hospitalar**: Rompendo a Exclusão Temporária de Adolescentes Com Fibrose Cística. 2011. Tese Pós-Graduação em Educação. FACED. UFRGS.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006. il. (Nova Biblioteca de Ciências Sociais).

NAVEGA, Télio. **Sinônimo de Quadrinhos, Revista 'Gibi' Surgiu Há 80 Anos.** O Globo 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/sinonimo-de-quadrinhos-revista-gibi-surgiu-ha-80-anos-23592959>> Acesso em: 12 jul. 2021.

NERY, Laura. Charge: Cartilha Do Mundo Imediato. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, vol. 7, 2001. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/7Sem_10.html> Acesso em: 15 set. 2021.

ORTIZ, Juliana; SANCHES, Simone; FONTES, Maria Alice. **O Hábito de Leitura na Primeira Infância.** Disponível em: <<http://plenamente.com.br/artigo.php>> Acesso em: 12 set. 2021.

PALACIOS, J. Introdução à Psicologia Evolutiva: História, Conceitos Básicos e Metodologia. In C. Coll, J. Palacios, & A. Marchesi (Orgs.), **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva** (D. V. Moraes, trad., 2a ed., Vol. 1, p. 13-53). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2004.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MORENO, Gilmar Lupion. et. al. A Educação Infantil em Foco: Desafios e Perspectivas Para a Educação dos Bebês **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 4, p. 2174-2190, 2016.

PESSOA, Alberto Ricardo. **A Linguagem das Histórias em Quadrinhos: Definição, Elementos, Gêneros.** João Pessoa: Editora UFPB, 2016. 82 p.

PINTER, Aparecida. **Gêneros Textuais, a Diferença Entre: Charge, Cartoons e Quadrinhos.** Cantinho do Professor. Disponível em: <<http://www.cantinhodoprofessor.com.br/generos-textuais-a-diferenca-entre-charge-cartoons-e-quadrinhos/>> Acesso em: 18 set. 2021.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. **Incentivo à Leitura.** Projeto Comunitário. Caderno Temático, n. 8. 2019?. Disponível em: <<https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2019/07/caderno08.pdf>> Acesso em: 10 de set. 2021.

RAHDE, Maria Beatriz. Origens e Evolução da História em Quadrinhos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 5, p. 103-106, nov. 1996.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.

REY, P. **Uma Temporada com Lacan** (M. C. Sieni, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1990.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. Sala de Leitura: Vivências, Saberes e Práticas. 2020. **Infância e Adolescência: abordagem histórico-cultural.** Org. Palanch, Wagner B. L. et. al.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGUEIRO, Waldomiro. **As Histórias em Quadrinhos e Seus Gêneros I: As Origens na Esfera do Humor e da Comicidade. Não Está no Gibi**. 2003. Disponível em: <https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=142> Acesso em: 11 set. 2021.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na Educação: Da Rejeição à Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Entrevista com Valdomiro Wergueiro**. 2015. Disponível em: <<http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/>>. Acesso em: 12 out. 2021

WINKLER, A.; SANGALLI, J. T. **Leitura e Tecnologia: Desafios e Oportunidades na Escola Contemporânea**, 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A Leitura no Brasil: Sua História e Suas Instituições**. Disponível em: <unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html> Acesso em: 6 set. 2021.